



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**SEGUNDA GUERRA, PRACINHAS E IMPRESSOS:
UM ESTUDO SOBRE O JORNAL O CRUZEIRO DO SUL (1945)**

DERCIO CARDOSO REIS

SÃO CRISTÓVÃO

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**SEGUNDA GUERRA, PRACINHAS E IMPRESSOS:
UM ESTUDO SOBRE O JORNAL O CRUZEIRO DO SUL (1945)**

DERCIO CARDOSO REIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard

SÃO CRISTÓVÃO

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
SEGUNDA GUERRA, PRACINHAS E IMPRESSOS:
UM ESTUDO SOBRE O JORNAL O CRUZEIRO DO SUL (1945)

BANCA EXAMINADORA

Dilton Cândido Santos Maynard
(Orientador – Universidade Federal de Sergipe – UFS)

Marizete Lucini
(Membro Interno – Universidade Federal de Sergipe – UFS)

Andreza Santos Cruz Maynard
(Membro Externo – Colégio de Aplicação – UFS)

Ester Villas-Boas do Nascimento
(Membro Externo – Universidade Tiradentes – UNIT)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha mãe Ana Isabel Reis Santos por todo o apoio e incentivo durante esses dois anos.

Em segundo lugar, ao meu orientador o professor Dr. Dilton Cândido Santos Maynard pelo apoio, incentivo e confiança durante essa caminhada que vem desde a graduação, passando pela monitoria na disciplina História Contemporânea II do curso de História e posterior orientação no artigo final de conclusão. Com quem aprendi como deve ser um profissional ético e dedicado, e principalmente por mostrar que a caminhada no mestrado não é algo fácil, que requer trabalho e disciplina.

Também queria agradecer às minhas amigas Adriana Mendonça e Mônica Apenburg pelo incentivo, amizade, carinho ajuda e por não deixar que a peteca caísse quando quase desisti do curso. Agradeço também aos membros do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET). Em especial a Diego e Katty Sá pela ajuda valorosa nas imagens e na formatação da dissertação.

Agradeço também às contribuições das professoras Andreza Santos Cruz Maynard e Marizete Lucini no processo de minha qualificação. Espero que na versão final do texto as mesmas encontrem suas valorosas colaborações.

Também agradeço aos professores do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED) que contribuíram diretamente ou7 indiretamente no processo final dessa dissertação. E aos colegas e amigos de linha de pesquisa: Andreia, Caroline, Crislaine, Pérola, Luana, Salim e Wênia. Que muitas vezes choramos pitangas, rimos e principalmente incentivamos uns aos outros.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) que com sua bolsa possibilitou que eu pudesse me dedicar integralmente à pesquisa.

Por fim, termino com a frase “*a nossa memória alimenta-se, em larga medida, daquilo que os outros recordam de nós. Tendemos a recordar como sendo nossas recordações alheias – inclusive as fictícias*” (José Eduardo Aglalusa, O vendedor de Pássaros, p. 139).

RESUMO

Esta pesquisa faz um estudo sobre o jornal *O Cruzeiro do Sul* que foi produzido pelo Serviço Especial da Força Expedicionária Brasileira. Foi uma publicação regular, editada duas vezes por semana, produzido entre 03 de janeiro a 31 de maio de 1945, totalizando 34 edições. No entanto, sua circulação ficou restrita a Itália. Foi o principal veículo impresso para formar a opinião dos soldados brasileiros sobre a Segunda Guerra Mundial. O jornal era impresso em Florença e tinha uma tiragem estimada de 5.000 exemplares. Ao estudar esse periódico procuramos analisar as representações produzidas pelo *O Cruzeiro do Sul* privilegiando a proposta do jornal para educar com imagens e textos os soldados da FEB, como o Brasil foi representado e as razões para a presença brasileira para as batalhas da Segunda Guerra Mundial. Vemos o jornal como um suporte educacional. Observamos um processo educacional, mas não escolar. Para um melhor entendimento, é necessário levar em consideração que o jornal não é mero transmissor de notícias. É preciso entender a tipologia de um jornal, qual o seu objetivo, para que tipo de leitor ele está destinado, facilitando assim, um melhor entendimento e também uma futura crítica.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, FEB, O Cruzeiro do Sul

ABSTRACT

This research has carried out a study upon the newspaper “*O Cruzeiro do Sul*”, which was produced by the Special Service of the Brazilian Expeditionary Force. It was a regular publication, edited twice a week, manufactured between January the 3rd and May the 31st of the year 1945, adding up to 34 editions. Nevertheless, its circulation throughout all of Italy had become restricted. It was the main printed paper that helped Brazilian soldiers form their opinion about World War II. The newspaper was printed in Florença and had a print run of about 5,000 copies. By studying this newspaper, we attempt to analyze the representation made by *O Cruzeiro do Sul*, giving precedence to the proposal of the newspaper in order to educate with images and texts the soldiers of the BEF, to how Brazil was represented and to the reasons for the Brazilian presence at the World War II battles. We see the newspaper as an educational source. We observe an educational process, but not scholastic. For a better understanding it is indispensable to take into consideration that the newspaper is a mere news transmitter. It is necessary to understand the typology of the newspaper, which is its objective, to what kind of reader it had been addressed, thus facilitating a better understanding and, likewise, a future criticism.

Keywords: World War II, BEF, *O Cruzeiro do Sul*

LISTA DE ABREVIATURAS

CS – *O Cruzeiro do Sul*

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FAB – Força Aérea Brasileira

DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

EUA – Estados Unidos da América

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

QG – Quartel General

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – General Mark Clark.....	52
Figura 2 – Major General Willis D. Crittenberger	53
Figura 3 – General João Batista Mascarenhas de Moraes.....	53
Figura 5 – Serviço postal da FEB.....	54
Figura 4 – Comemoração do natal na Itália, 1944.....	54
Figura 6- Luta do soldado brasileiro contra o clima.....	55
Figura 7 – O motorista da FEB.....	56
Figura 8 – PM brasileiro ensinando o caminho para soldado norte-americano	56
Figura 9 – A neve e o Pracinha.....	57
Figura 10 – Comandante da Infantaria Divisória da FEB, General Zenobio da Costa	57
Figura 11- A mesma neve para os homens e caminhões de suprimentos.....	58
Figura 12 – O General Mark Clark entregando a medalha Estrela de Bronze para o Capitão Ernani Airoso da Silva.....	58
Figura 13– Sargento Nilo de Moraes	59
Figura 14 – Soldado construindo o caminho na lama	60
Figura 15 – Visita do General Mark Clark ao quartel da FEB	61
Figura 16 – Charge sem autoria.....	61
Figura 17– Soldado brasileiro lendo sua carta.....	62
Figura 18 – Os homens das transmissões da FEB	62
Figura 19 – O sono do Artilheiro.....	63
Figura 20 – Cabo Adão Rosa da Rocha. Resposta do Brasil aos panfletos dos alemães	64
Figura 21 - – Nota traduzida da mensagem de Mark Clark sobre a Medalha de Prata dada ao cabo Marcílio Luiz Pinto por ação em combate	65
Figura 22 - – Comandante da Artilharia Divisionária da FEB	66
Figura 23 - Enfermeiras brasileiras embarcando para a Itália	67
Figura 24 - – Soldados de Engenharia Brasileira construindo uma ponte.....	68
Figura 25 – Engenharia da FEB preparando a estrada para o ataque	68

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. JUSTIFICATIVA	17
1.1.1. Força Expedicionária Brasileira (FEB).....	17
1.2. ESTADO DA ARTE.....	21
1.2. 1. Sobre jornais.....	21
1.2.2. Sobre a FEB e o Cruzeiro Do Sul.....	25
1.3. METODOLOGIA	27
2. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL SOB A PERSPECTIVA DO JORNAL O CRUZEIRO DO SUL: ENSINAMENTOS E CONSTRUÇÃO DO CONFLITO ...	30
2.1. O COTIDIANO DA GUERRA E DO BRASIL PELO JORNAL	31
2.2. O CRUZEIRO DO SUL, REPRESENTAÇÕES, O BRASIL E OS PRACINHAS .	39
3. O JORNAL, OS PRACINHAS E A GUERRA: REPRESENTAÇÕES NO CRUZEIRO DO SUL.....	69
3.1. SOLDADOS, HERÓIS.....	70
3.2. SOLDADOS, GENERAIS	74
3.3. ENGRENAGENS, SOLDADOS.....	76
3.4. SOLDADOS, TRABALHOS	78
3.5. SOLDADOS, PRACINHAS.....	80
3.6. SOLDADOS, REPRESENTAÇÕES.....	81
4. Considerações finais.....	83
REFERÊNCIAS.....	85
FONTES:	85
BIBLIOGRAFIA:	85

1. INTRODUÇÃO

O Cruzeiro do Sul foi um jornal produzido pelo Serviço Especial da Força Expedicionária Brasileira. Foi uma publicação regular, editada duas vezes por semana, produzido de 03 de janeiro a 31 de maio de 1945, totalizando 34 edições. No entanto, sua circulação ficou restrita à Itália. Foi o principal veículo impresso para formar a opinião dos soldados brasileiros sobre a Segunda Guerra Mundial.

Suas 34 edições chegaram ao Brasil por causa do General Mascarenhas de Moraes, o comandante geral da FEB. Ele guardou as edições em uma encadernação de couro, e depois foi confiada ao seu neto, coronel Roberto Mascarenhas. O jornal era impresso em Florença dentro das dependências do Quartel-General da divisão Expedicionária. Tinha uma tiragem estimada de 5.000 exemplares.

O jornal possuía 04 páginas, a única exceção foi a edição especial de três que consta de 12 páginas. Seus principais colaboradores foram: os correspondentes de Guerra, brasileiros e estrangeiros, que acompanhavam a FEB (seus artigos eram transcritos tal qual como eram enviados para o Brasil, depois de passar pela censura dos órgãos competentes e dos integrantes do Quartel-General). Os principais correspondentes foram: Joel Silveira (Diários Associados), Rubem Braga (Diário Carioca), Egidio Squeff (O Globo), Raul Brandão (Correio da Manhã) e Francis Hallawell (BBC de Londres).

É importante salientar que *O Cruzeiro do Sul* não foi a única publicação de iniciativa dos combatentes. O próprio jornal na primeira edição traz uma pequena nota sobre o jornalzinho *E a cobra fumou* editado numa das unidades de infantaria em operações. Outro Jornal que ganha uma pequena nota é *So penas* na quinta edição, número mimeografado que consegue unir notícias e piadas. O jornal *O camelo*, ganha nota na oitava edição. A principal diferença entre esses dois jornais e *O Cruzeiro do Sul* é manifestada do caráter oficial deste, enquanto os outros dois têm uma maior liberdade de criação.

Em suas páginas o *Cruzeiro do Sul* enaltecia a coragem de nossos pracinhas, que saíram de “país ensolarado” para lutarem na Itália com “inverno rigoroso”. Essa coragem e “desprendimento” para lutar vêm principalmente do desejo de vingança, de destruir o inimigo que matou covardemente mulheres e crianças brasileiras. Também está imbuído em nossos combatentes o desejo de liberdade de livrar o mundo do nazismo e fascismo.

No jornal, o Brasil é apresentado como uma pátria ferida em busca de vingança pelos torpedeamentos de 1942, sendo a FEB a personificação dessa busca. A Itália é um país destruído pela guerra e principalmente pelo nazismo. A guerra é apresentada como um mal necessário, com o intuito de acabar com a personificação do mal, ou seja, o nazismo.

O periódico também tinha o intuito de proporcionar ao combatente brasileiro, as principais notícias sobre a guerra uma vez que os jornais brasileiros não chegavam à Europa. Mas é preciso levar em consideração que *O Cruzeiro do Sul* passava pelo crivo do DIP e da própria Força Expedicionária. Por isso, o jornal chegava ao seu público alvo: o soldado brasileiro trazia as notícias da guerra com as cores do vermelho do sangue derramando pelos nossos “heroicos” e “destemidos” soldados.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é considerada pelos historiadores como o maior conflito bélico do século XX. Durante seis anos o mundo presenciou e noticiou os horrores que ela causou. Houve uma reorganização político-econômica das principais nações europeias, o avanço das ciências em benefício da guerra e a ascensão dos Estados Unidos da América e da União Soviética como principais potências Mundiais.

O Brasil parecia estar longe de todo aquele conflito, pois o presidente Getúlio Vargas mantinha uma política oficial de neutralidade, que foi decidida pelo Conselho de Segurança Nacional. Para os historiadores McCann e Ferraz¹ o país antes, de 1942, já vinha se comportando com uma neutralidade benevolente em favor dos Estados Unidos. Como exemplo ajudou a Marinha norte-americana a abastecer seus navios de guerra e, o mais importante, permitiu a construção de bases aéreas militares e o voo de aviões em seu espaço aéreo.

A neutralidade do Brasil foi posta em xeque com os torpedeamentos alemães no litoral entre Sergipe e Bahia. Mas é preciso resaltar que os primeiros ataques à nossa Marinha ocorreram ainda quando o país se mantinha neutro no conflito europeu. Entre fevereiro e agosto de 1942 várias embarcações brasileiras foram afundadas por submarinos alemães e italianos em águas internacionais (litoral norte-americano, Caribe e Guianas). Entre os dias 15 e 17 de agosto de 1942 foram atingidos o Baependy, Araraquara e Aníbal Benévelo.

Com os ataques aos navios brasileiros, a população começou a protestar contra a agressão, querendo como única resposta uma declaração de guerra contra o Eixo (aliança político-militar formada por Alemanha, Itália e Japão). Em 22 de agosto de 1943, o país

¹ MCCANN, Frank D.; FERRAZ, Francisco César Alves. A participação conjunta de brasileiros e norte-americanos na Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Francisco Carlos T.; MUNHOZ, Sidnei J. (Org.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2010.

declarou estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália. Mas só com o Decreto nº 10.358, que o Brasil declarou guerra contra a Alemanha e a Itália, em 31 de agosto de 1942. É importante salientar que o Brasil já não mantinha relações diplomáticas com a Alemanha desde 28 de janeiro de 1942, que foi decidida na Reunião dos Chanceleres no Rio de Janeiro²:

É incorreto dizer que a agressão alemã injustificada tenha obrigado o Brasil a tornar-se um beligerante. O Brasil havia embarcado em direção à guerra, quando Vargas permitiu o início da construção do programa de desenvolvimento de aeroportos. Lembremos que ele deu permissão verbal em 19 de janeiro de 1941, nove dias antes de aprovar o rompimento das relações com o Eixo (FERRAZ; MCCANN, 210, p. 121).

Após declarar guerra às potências do Eixo, o Brasil tomou a decisão de participar ativamente da guerra, enviando uma Força Expedicionária. Mas a partir daí surgiram as dificuldades, entre elas: o Exército brasileiro não estava preparado para exigência de uma guerra moderna (a Segunda Guerra Mundial foi caracterizada por ter sido uma guerra de movimento, onde eram exigidas dos soldados especialidades e habilidades relacionadas à logística e às comunicações). Obviamente os seus soldados não tinham experiência e nem armamentos necessários para o conflito. Devido a isso, o Brasil só enviou o seu primeiro contingente em 1944, dois anos após a declaração de guerra aos países do Eixo.

Em sua monografia *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: a atuação da FEB*, Zaíra Carla Alves Gondim (2004) explica que a participação brasileira no conflito ocorreu de três formas: num primeiro momento com a utilização das bases militares no Nordeste brasileiro, seguindo pelo patrulhamento da Costa do Atlântico Sul e por último a criação e o envio da FEB para frente de batalha na Itália. Com relação à utilização de bases militares no Nordeste, isso ocorreu a partir do acordo bilateral entre o Brasil e os Estados Unidos, assinado em 23 de maio de 1942, validando o aproveitamento de bases aeronavais localizadas no Nordeste e Norte do país e consolidando Natal, no Rio Grande do Norte como o seu centro de difusão das operações dirigidas à África do Norte, devido à proximidade com o continente africano.

Após os acordos firmados entre Brasil e Estados Unidos, o governo brasileiro permitiu aos Estados Unidos ocupar o campo de Parnamirim para o tráfego de seus bombardeiros com destino à África do Norte. A base aérea de Parnamirim veio a se tornar uma das principais bases militares do mundo (ZAÍRA, 2004, p.23)

² III Reunião de Chanceleres Americanos ocorrida na cidade do Rio de Janeiro entre 15 e 28 de janeiro de 1942. Que tinha como objetivo, qual seria a posição do continente americano diante do conflito europeu. As outras duas ocorreram: a primeira no Panamá, logo após a declaração de guerra da Grã-Bretanha e França a Alemanha; e a segunda em 22 de junho de 1940 após a queda da França.

Assim, em um momento de muitas contradições o periódico *O Cruzeiro do Sul* tinha a missão de informar sobre o Brasil, apresentar a importância da própria FEB e educar seus soldados sobre as razões e os inimigos na guerra. Ao mesmo tempo em que falava de democracia, o próprio jornal deixava claro que só era publicado depois que passava pelo crivo do DIP, o conhecido órgão de censura no Estado Novo. Apesar do pouco treinamento, o jornal devia ajudar a criar uma imagem vitoriosa do Exército brasileiro:

O Estado Novo foi regime autoritário implementado com o golpe de 10 de novembro 1937. Onde foi apresentada uma nova carta de Constituição alicerçada na centralização política, no intervencionismo estatal e em modelo antiliberal da sociedade: Com a implantação do Estado Novo, Vargas cercou-se de poderes excepcionais. As liberdades civis foram suspensas, o Parlamento dissolvido, os partidos políticos extintos. O comunismo transformou-se no inimigo público número um do regime, e a repressão policial instalou-se por toda parte. Mas, ao lado da violenta repressão, o regime adotou uma série de medidas que iriam provocar modificações substantivas no país. (PANDOLFI, 1999, p.10)

Com suas medidas centralizadoras, Getúlio Vargas visou diminuir a autonomia dos Estados, exercendo um maior controle sobre as tradicionais oligarquias regionais. Também buscou forjar um forte sentimento de identidade nacional, condição primordial para o fortalecimento do Estado Nacional, sendo assim, o Estado Novo investiu ações na cultura e na educação. Daó o fato de que *“a preocupação com a construção de uma nova idéia de nacionalidade atraiu para o projeto estado-novista um grupo significativo de intelectuais”* (PANDOLFI, 1999, p.10).

O Estado Novo na área social implementou leis específicas atrelando os sindicatos ao universo estatal. Criou o imposto sindical anual pago por todo trabalhador filiado ou não a um sindicato, legitimou o salário mínimo, normatizou a Justiça do Trabalho para intermediar as relações entre patrões e empregados. Por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) exerceu censura a todos os meios de comunicação e promoveu uma propaganda sólida do regime, reforçando a imagem de Vargas como o protetor da classe trabalhadora.

Capelato (1999) afirma que o varguismo não pode ser definido como um regime fascista, mas é necessário levar em conta a inspiração das experiências alemã e italiana com relação ao Estado Novo, principalmente relativo à propaganda política. *“No Brasil, a organização e o funcionamento dos órgãos produtores da propaganda política e controladores dos meios de comunicação revelam a inspiração europeia”* (CAPELATO, 1999, p. 167). Os organizadores da propaganda no Estado Novo absorveram os métodos de controle dos meios de comunicação utilizados na Alemanha e na Itália, tomando o cuidado de

adaptá-los à realidade brasileira. O objetivo do regime com a propaganda era o apoio necessário para legalizar o novo poder nascido de um golpe. A autora salienta que se nem todos os ideólogos ou adeptos do regime brasileiro eram simpatizantes do nazismo e o fascismo, ela cita dois que explicitaram suas admirações por esses regimes: Felinto Muller³, chefe da Polícia política e Lourival Fontes⁴, diretor do DIP, que era encarregado de controlar os meios de comunicação e cultura do regime.

A utilização dos meios de comunicação além de buscar a legalizar do regime, também procurou conquistar o apoio dos trabalhadores à política de Vargas:

A Constituição brasileira de 1937 legalizou a censura prévia aos meios de comunicação. A imprensa, através de legislação especial, foi investida da função de caráter público, tornando-se instrumento do Estado e veículo oficial da ideologia estado-novista. O art. 1.222 exterminava a liberdade de imprensa e admitia a censura a todos os veículos de comunicação (CAPELATO, 1999, p. 171)

Durante o regime foram criados órgãos de controle e repressão, sendo a peça fundamental o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que tinha plenos poderes sobre os meios de comunicação e também era encarregado da organização da propaganda. Segundo Capelato o DIP foi fruto da expansão da capacidade de ingerência do Estado no campo dos meios de comunicação e da cultura: *“tinha como função elucidar a opinião pública sobre as diretrizes doutrinárias do regime, atuando em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira”* (CAPELATO, 1999, p. 172). O DIP estava estruturado da seguinte

³ Filinto Strubing Müller nascido em Cuiabá em 1900 era de uma família influente na polícia mato-grossense, fez parte da revolta tenentista. Em 1930 teve participação discreta na revolução de 30 que levou Vargas ao poder, foi nomeado oficial- de gabinete do ministro da Guerra, logo depois secretário do interventor federal de São Paulo. Em 1932 colaborou no combate a Revolução Constitucionalista dos paulistas. Em 1933 assumiu o posto de chefe de polícia do Distrito Federal, ficando do cargo por quase 10 anos. Foi acusado inúmeras vezes por prisões arbitrárias e tortura aos prisioneiros, por sua ordem Olga Benário foi deportada para um campo de concentração nazista na Alemanha. Era simpático a aproximação do Brasil com o Eixo, com isso, perdeu espaço no governo com a aproximação de Vargas com os Aliados. Foi um dos fundadores do Partido Social Democrático (PSD) em 1945, elegeu-se senador em 1947 pelo Estado do Mato Grosso. Faleceu em 1973 em Paris no acidente aéreo. Fonte: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto_muller. Acessado em 18-02- 2019.

⁴ Lourival Fontes nascido em Riachão do Dantas, município de Sergipe em 20 de julho de 1899, foi o nono filho e nasceu após a morte de seu pai sendo criado por sua mãe o que acabou ocasionando dificuldades financeiras. Foi expulso por insubordinação de diversas escolas em Riachão, Estância e Aracaju. cursou o secundário no Ateneu Sergipense. Em 1922 tornou-se bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1928 converteu-se ao catolicismo. Aproximou-se de Vargas em 1928 e apoiou Aliança Liberal que foi a favor da candidatura de Getúlio Vargas e João Pessoa respectivamente presidente e vice-presidente. Em 1931 fundou a Revista Política e Hierarquia de tendência fascista, foi um grande admirador de Mussolini. Em 1939 foi nomeado diretor do DIP, em 17 de julho de 1942 foi demitido desse órgão. Foi embaixador do Brasil no México em 1945, pediu demissão do cargo após a deposição de Vargas. Participou ativamente da campanha de Vargas para a eleição de 1950, foi nomeado chefe do Gabinete Civil do presidente. Em 1954 foi eleito senador por Sergipe, faleceu no Rio de Janeiro em 06 de março de 1967. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fontes-lourival>. Acessado em 18-02- 2019.

forma: Divisão de Divulgação, Divisão de Radiodifusão, Divisão de Cinema e Teatro, Divisão de Turismo, Divisão de Imprensa e Serviços Auxiliares. Os cargos de confiança obviamente eram escolhidos diretamente por Getúlio Vargas. (CAPELATO, 1999).

O DIP foi responsável por produzir e divulgar a imagem do governo, suas instituições e do chefe do governo na identificação com o país e o povo. Para isso, foram produzidos: livros, panfletos, revistas, programas de rádio com noticiários, fotografias, cartazes etc. Sendo a imprensa e o rádio, os meios mais utilizados para a divulgação da propaganda política:

Os discursos de Vargas, proferidos em inaugurações, comemorações e visitas, assim como o de seus ministros e assessores, forneciam o conteúdo básico da propaganda. Havia controle direto sobre os veículos de comunicação: jornais, rádios, cinema. A partir de 1940, 420 jornais e 346 revistas não conseguiram registro no DIP. Os que insistiram em manter sua independência ou se atreveram a fazer críticas ao governo tiveram sua licença cassada. As “publicações inconvenientes” foram suprimidas. Com esse esquema, a propaganda oficial não só alcançou um nível de produção e organização sem precedentes no país, como também passou a se responsabilizar pela defesa da unidade nacional e a manutenção da ordem (CAPELATO, 1999, p. 173).

Com o golpe em 1937 a imprensa passou a desempenhar sua função vinculada ao Estado. O governo justificou essa mudança alicerçada na ideia de que o jornal era político por origem. Os jornais só podiam se fundar com registros concedidos pelo DIP, o mesmo valia para os seus profissionais que também ficavam sob o seu controle. Sendo assim, os jornais foram obrigados a reproduzir os discursos oficiais, a divulgar as inaugurações, ressaltar as notícias e atos do governo e publicar fotos de Vargas. Nessa relação havia uma intrínseca relação entre censura e propaganda. Uma vez, que o DIP ao mesmo tempo que impedia a divulgação de certos assuntos determinava a propagação de outros na forma apropriada ao proveito do Estado. Esse controle não foi só na forma de censura, como também através de pressões de ordem política e financeira:

Por um lado, o autoritarismo do Estado Novo explica a adesão e o silêncio de jornalistas; por outro, não se pode deixar de considerar que a política conciliatória de Getúlio Vargas, aliada à “troca de favores”, também surtiu efeito entre os “homens de imprensa” (CAPELATO, 1999, p. 175).

A partir de 1942 com o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o Estado Novo começou com o seu processo de desarticulação. Esse processo também teve o envolvimento da aliança do governo Vargas com os Estados Unidos e o seu consequente rompimento com a Alemanha nazista. Uma das perguntas que pode ser feita: como os soldados brasileiros estavam lutando por democracia se o Brasil vivia um regime ditatorial?

Em novembro de 1945 Getúlio Vargas foi deposto da presidência, tendo um fim o Estado Novo.

1.1. JUSTIFICATIVA

As negociações entre Brasil e Estados Unidos da América, para o envio de uma Força Expedicionária na Segunda Guerra Mundial foram consolidadas no encontro entre Getúlio Vargas e o presidente Norte-americano Franklin Delano Roosevelt, ocorrido em Natal no Rio Grande do Norte, em janeiro de 1943: *“A ideia central do encontro era enviar pracinhas brasileiros para combater na Europa, uma forma de o país ir além do apoio de infraestrutura, matérias-primas, e o suporte diplomático. Só faltava o chamado do ‘sacrifício do sangue’”* (MUYLAERT, 2012, p.32).

Primeiramente ficou acertado que as tropas brasileiras seriam enviadas na defesa das Ilhas portuguesas na costa da África (Açores, Madeira e Sal). Mas com a invasão americana na África do Norte, tornou-se desnecessário o envio de tropas. No final de 1943, ficou decidido que o Brasil enviaria suas tropas para a Itália.

1.1.1. Força Expedicionária Brasileira (FEB)

A criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), segundo o historiador Cesar Campiani Maximiano, em seu livro *Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial* (2010) teve como objetivo primordial um alcance estratégico, as lideranças políticas e militares pensavam que o Brasil estava pronto para fazer parte no “concerto das Grandes Nações”.

Para Zaíra (2004) com a criação da FEB Getúlio Vargas tinha dois objetivos: primeiramente amenizar a situação interna do país, devido as manifestações da população a favor da Guerra, e o objetivo primordial projetar o Brasil no cenário internacional atrelado com os Estados Unidos. Da declaração de Guerra até a efetivação da FEB passou-se um ano. Ela foi planejada para ter para comportar três divisões de Infantaria, mas no final acabou ficando com uma só, devido as dificuldades de organização do Exército brasileiro.

A Força Expedicionária Brasileira foi estruturada em 09 de agosto de 1943 pela portaria ministerial nº 4.744, assinada pelo Ministro Eurico Gaspar Dutra sendo publicada em boletim reservado de 13 de agosto do mesmo ano. O seu processo de formação não foi algo

fácil, devido tanto às dificuldades materiais como políticas. No campo político havia uma forte campanha de descrédito divulgada por simpatizantes e agentes das potências do Eixo. Com relação aos materiais, os seus armamentos estavam obsoletos. Por fim, ela foi composta por uma mistura de homens de todo o país, ficando o Rio de Janeiro como a sede para concentração e treinamento. Esse treinamento foi bastante precário, dificultado pela concentração, que começou em janeiro de 1944 e foi até março, restando para o treinamento da tropa com a divisão os meses de abril e maio.

A FEB foi armada e equipada com material norte-americano e ao contrário do Exército brasileiro, que era moldado nos padrões franceses, ela foi constituída nos moldes do exército americano, constituído de uma grande unidade básica terrestre com uma combinação de armas e os seus serviços e uma Divisão de Infantaria composta por três regimentos, formando cada um por três batalhões que por sua vez era formado por três companhias de fuzileiros.

No seu processo de formação ficou escancarado que o Brasil não estava preparado para assumir o projeto a que se propusera. Também em sua preparação ficaram evidentes outras deficiências, como falta de material bélico e principalmente de um treinamento adequado. Faltaram uniformes adequados ao clima europeu, outra dificuldade foi que com a criação de novos postos faltavam pessoas qualificadas e equipamentos para a nova realidade que o exército do país iria enfrentar na frente italiana. A grande maioria dos equipamentos utilizados na guerra pelo Brasil foram conhecidos já na Itália, que foi todo fabricado dos Estados Unidos.

O Ministério da Guerra optou por um recrutamento e uma seleção intensiva em todo o país, de modo que os convocados deveriam submeter-se a exames físicos e psicológicos:

Sobre o pessoal recrutado, ocorreu a predominância das camadas populares para compor as fileiras da FEB, rapazes pertencentes as classes pobres, operários, lavradores. A elite pouco se fez presente, pois através de conhecimentos políticos, muitos conseguiram escapar ao recrutamento para a guerra. Foram convocados brasileiros de todos os Estados, passando por exigente inspeção de saúde para atender a padrões antropométricos e sanitários normalmente não exigidos pelo Exército Brasileiro (ZAÍRA, 2004, p.29).

Gerações mais novas ignoram que o Brasil enviou soldados para um conflito tão importante como a Segunda Guerra Mundial. O Brasil precisou convocar milhares de recrutas para o serviço militar:

Nas primeiras inspeções de saúde para a FEB, realizadas a partir da segunda metade de 1943, para inclusão na expedição era necessário: ter mínimo de 1,60 m de altura para oficiais e 1,55 m praças; visão sem correção; equilíbrio emocional e idade mental de 10 anos (MAXIMIANO, 2004, P.345-346).

Essas exigências implicaram um grande aumento do padrão de saúde, assim para o ingresso na FEB a exigência era maior *“se comparada àquele vigente para o exército territorial. Assim, um convocado podia ser apto para o serviço no exército brasileiro e inapto para a FEB. Esse foi um dos principais motivos para que fosse empreendida a mobilização”*. (MAXIMIANO, 2004, P.346). O principal item de exclusão foi a *“dentadura insuficiente”*, era necessário ter 26 dentes.

Inicialmente as tropas brasileiras possuíam o nome de Corpo Expedicionário, logo depois passou para Força Expedicionária. Segundo Ferraz, essa mudança acabou criando todo tipo de gracejos, o mais comum foi: *“O Brasil não iria mais para guerra porque tinha tirado o corpo fora”*. Outro boato que tomou corpo tem relação com o lema e o distintivo utilizado pela FEB. Segundo o qual, Adolfo Hitler afirmou que o Brasil só enviaria tropas para o *front* no dia em que uma cobra fumasse cachimbo.

De dez a quinze homens participaram ativamente do conflito. A FEB foi incorporada na Itália como unidade operacional ao IV Corpo do V Exército americano, comandado pelo general americano Mark Clark: *“assim, de setembro de 1944 até o início de maio de 1945, uma parcela da juventude brasileira conheceu intimamente o cotidiano de horror que assolava a Europa”* (MAXIMIANO, 2004, P.358).

É importante resaltar que diferentemente do 1º escalão, as tropas seguintes foram enviadas para o combate praticamente sem treinamento e nem adaptação ao armamento e ao terreno. A batalha que se tornou símbolo e mito das ações de combate da FEB na Itália foi a tomada do Monte Castelo. Depois de quatro tentativas, sem sucesso, com elevado número de mortes, e com o apoio da divisão de Infantaria americana e da FAB (Força Aérea Brasileira) Monte Castelo foi tomado em 21 de fevereiro de 1945. Outra batalha pouco lembrada e de suma importância para o reconhecimento da FEB como força de combate, foi Montese (também teve um maior número de mortes).

Maximiano enfatiza que parte da historiografia atual, faz parecer que a participação brasileira na Segunda Guerra *“se caracterizou mais por quiproquós simbólicos do que pelo banho de sangue dos torpedamentos de 1942 e pelos ferozes combates por Monte Castello e Montese”* (MAXIMIANO, 2010, p. 17). Tendo como característica um trabalho mais voltado para política e diplomacia, deixando para segundo plano a constituição da FEB e o seu

desempenho no *front* italiano. Com isso, precisamos conhecer mais o papel desempenhado pelos jornais na formação dos soldados brasileiros na guerra.

O estudo da Força Expedicionária Brasileira e o seu desempenho no *front* italiano está relegado à nossa historiografia, em muitos casos, a segundo plano, nas escolas o tema é discutido quando se estuda o governo de Getúlio Vargas. O historiador Francisco César Alves Ferraz nas suas obras: *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial* (publicado em 2005) e *A Guerra não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-200)*, (publicado em 2012) vai se dedicar a elucidar questões do envolvimento do Brasil nesse grande conflito.

No primeiro livro o autor se dedica ao estudo sobre o que levou o Brasil a entrar no conflito e às consequências que isso trouxe ao país. Como os torpedamentos e a criação de uma Força Expedicionária repercutiu no Brasil. Para Ferraz, o seu texto vai ser norteado por três questões principais “(...) *porquê um país situado na periferia do mundo capitalista e sem política externa agressiva entrou nessa guerra? Como os brasileiros participaram desse conflito? Quais as consequências sociais, políticas e econômicas dessa participação?* ” (FERRAZ, 2005, p.8). Segundo Ferraz, a guerra poderia ser um “atalho” para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

No segundo livro, o autor dedica-se a estudar como foi a reintegração dos veteranos da nossa Força Expedicionária, enfatizando o esquecimento de nossa historiografia sobre o tema, principalmente porque a FEB foi a única força combatente na América Latina no continente europeu, durante a Segunda Guerra Mundial. Os veteranos não tiveram o reconhecimento e a ajuda necessária do governo Vargas. Ficaram renegados ao esquecimento, em um primeiro momento foram recebidos como heróis. Sem falar na relação que ficou dentro do exército após a guerra: “O exército de Caxias” versus “O exército da FEB”.

Muitos trabalhos estão atrelados à Biblioteca do Exército, que se propõe a enaltecer os grandes personagens da época e a glorificar um determinado episódio selecionado, colaborando para diminuir as tentativas de elucidar a participação da FEB em um dos maiores conflitos bélicos da humanidade. Através da leitura, análise e crítica do jornal acima citado, a pesquisa se propõe a dar voz às personagens, muitas vezes esquecidas, pela nossa historiografia, levando em consideração que o jornal foi criado com um determinado propósito.

O presente trabalho ao estudar o periódico *O Cruzeiro do Sul* busca investigar como esses homens se envolveram diretamente em um dos maiores conflitos da história da

Humanidade e como através do jornal produziram representações da sua instituição, do seu país e dos seus inimigos. O periódico, que circulou no *front* italiano entre os membros da Força Expedicionária Brasileira no período de 03 de janeiro a 31 de maio de 1945, fornecia relevantes informações sobre o discurso de revanche contra o soldado alemão e evidencia as deficiências na formação dos soldados brasileiros no que diz respeito ao conhecimento do clima e do território italianos, bem como dos armamentos utilizados.

1.2. ESTADO DA ARTE

1. 2. 1. Sobre jornais

Segundo Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, em sua obra *Imprensa e Cidade*, publicada em 2006, as pesquisas que utilizam a imprensa como objeto de estudo ganharam impulso, principalmente a partir das décadas finais do século XX. Quem trabalha com o conteúdo expresso em jornais e revistas, precisa levar em conta as condições materiais e técnicas que presidiram seu lançamento, os objetivos propostos, para que público se destinaram, e principalmente as relações estabelecidas com o mercado editorial. Também é preciso ter atenção com os colaboradores e responsáveis mais assíduos. E fazer uma descrição sistemática do jornal, a linguagem utilizada, o uso de ilustrações, os proprietários, e principalmente os temas abordados:

Uma vez que tais opções colaboram para compreender outra, como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa, página inicial, periodicidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, forma de utilizações e padrões estéticos (DE LUCA, 2011, p.2).

Conforme Martins e De Luca, durante três séculos o Brasil viveu, “*imerso em trevas, desconhecendo os meios de comunicação que já marcavam o cotidiano da Europa e de alguns países da América visto que estava entre forte repressão da Metrópole, o controle da Igreja e a ausência de mercado*” (MARTINS; DE LUCA, 2006, p.18). A imprensa chegou ao Brasil em 1808 com a chegada da Família Real portuguesa. Em 13 de maio do mesmo ano, o príncipe regente D. João VI criou oficialmente a imprensa Régia. Em setembro começa a ser publicada a Gazeta do Rio de Janeiro. O primeiro jornal brasileiro foi o *Correio Braziliense* que era publicado em Londres, surgiu em 1808 foi idealizado e produzido por Hipólito da

Costa. Apesar de ser produzido na Inglaterra o periódico trazia em suas páginas discussão sobre os problemas da colônia e atravessava o oceano para chegar no Brasil.

No século XX, a partir de 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, houve mudanças para a imprensa. Jornais identificados com a chamada República Velha sofreram ataques e muitos não sobreviveram. Porém, os novos ocupantes do poder “*não se limitaram a insistir em práticas conhecidas, como o suborno ou a violência, antes inovaram ao criar, em meados de 1931, o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores*” (MARTINS; DE LUCA, 2006, p. 56). Em 1934 o DOP foi substituído pelo Departamento de Propaganda e difusão Cultural (DPDC), que foi estruturado em 1938 e passou para Departamento Nacional de Propaganda (DNP), finalmente substituído pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 27 de dezembro de 1939.

Foi atribuído aos periódicos a funções de vigiar a atuação dos Três Poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário e da defesa dos interesses dos cidadãos, mas isso causou tensões, uma vez, que os jornais buscavam o lucro, sendo capazes ainda de formularem opiniões, mudar ou estimular comportamentos e ações políticas. Não se limitavam a apresentar o que aconteceu, mas selecionavam, ordenavam e narravam da forma que achavam conveniente de chegar ao seu público.

As autoras enfatizam que, geralmente “*(...) o jornal é vendido duas vezes: uma para os que anunciam nele e outra para o leitor*” (MARTINS; DE LUCA, 2006, p.11). Nesse sentido o periódico O Cruzeiro do Sul, tem como anunciante a FEB e como público leitor a sua corporação.

No texto *O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos* de Rafael Saraiva Lapuente, enfatiza que é fundamental não estudar o jornal isolamento é necessário o contraponto com outras fontes. Uma vez, que o jornal possui dois tempos: um objetivo que consta com o texto escrito efetivamente, e outro subjetivo que não está escrito, mas é possível ser identificado através de seu contexto histórico “*mesmo com um perfil traçado, o jornal possui sua própria pluralidade de pessoas, de pensamentos e de posicionamentos nem sempre convergentes e de fácil percepção no seu interior*” (LAPUENTE, 2015, p. 4-5).

Para Lapuente o pesquisador tem que está consciente que de independentemente do perfil de jornal sempre haverá um jogo de interesses, que ora pode convergentes, ora pode ser conflitante. Também é necessário a compreensão que na construção da matéria jornalística além dos elementos objetivos e subjetivos, há também o próprio interesse do jornal.

Rodrigo Santos de Oliveira em *A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)* apresenta dois elementos importantes para quem se dedica a estudar a imprensa: o primeiro seria a relação entre a história e a imprensa e o segundo seria a compreensão da História da Imprensa no contexto global e do Brasil. Enfatiza que o historiador, ao selecionar um texto jornalístico como uma fonte de pesquisa, deve considerar que este não é um documento cristalino que abrange todas as verdades, é necessário dialogar com outras fontes, buscar entrecruzamentos com outras informações e procurar as razões de seu silêncio ou de sua omissão.

Segundo Oliveira a imprensa não só chegou tardiamente ao Brasil em comparação ao surgimento da imprensa em geral como também com relação a sua introdução pelos portugueses nas áreas conquistadas do continente americano. Ele apresenta um quadro comparativo com o início da colonização e a implementação da imprensa nas colônias da América espanhola, inglesa e portuguesa. A colonização espanhola teve início de sua ocupação territorial em 1519, a imprensa foi introduzida 14 anos depois; na América inglesa ocupação a partir de 1620, imprensa com início 18 anos depois; a ocupação portuguesa 1532, a imprensa somente é introduzida 276 anos depois.

Ele apresenta três razões para essa discrepância: o tipo de colonização nas duas primeiras logo de início foi estabelecido uma estrutura administrativa; a urbanização, a América espanhola desenvolveu um processo de criação de cidades nas áreas colonizadas; e principalmente o grau de instrução na colônia, tanto a colonização espanhola como a inglesa ocorreram a criação de instituições universitárias, o que certamente facilitou não só o desenvolvimento intelectual como também a possibilidade de seus cidadãos produzirem obras intelectuais. Já na área portuguesa o necessário para se ler a Bíblia.

Com a chegada da Família Imperial Portuguesa em 1808 e a consequente criação da tipografia imperial que começou a produzir não somente a Gazeta e a documentação imperial, mas também obras como folhinhas, almanaques e obras literárias:

Ao mesmo tempo, a censura foi um elemento constante, não apenas ao material produzido nas tipografias locais, mas também ao que vinha de fora (como o *Correio Braziliense* editado na Inglaterra). A censura e o extremo controle garantiram a centralização da produção e circulação de impressos desde sua implementação até ao processo que levou à Independência do Brasil, em 1822 (OLIVEIRA, 2011, p.132).

A Independência em 1822 acarretou o desenvolvimento tanto da imprensa local como a utilização de sua força política. Inicialmente a imprensa no Brasil se caracterizou a partir da produção de pasquins. Para Oliveira esses pasquins foram uma das primeiras formas de

imprensa popular, entendida pelo mesmo sem o controle estatal sistemático e realizado por uma parcela da população não vinculada ao poder público. Com a reorganização política após o período regencial e com o fim da instabilidade política e o desenvolvimento de técnicas de imprensa mais apuradas, os pasquins começaram a entrar em declínio, e entra em cena os órgãos políticos partidários “*os grupos políticos, que em um primeiro momento não tiveram controle direto sobre os pasquins, se aperceberam da potencial força da imprensa como instrumento político e ideológico*” (OLIVEIRA, 2011, p.135).

A importância de analisar o jornal *O Cruzeiro do Sul*, o qual circulou no período de 03 de janeiro a 31 de maio de 1945, consiste em demonstrar a relevância da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na construção de sua representação junto aos soldados que participaram no final da Segunda Guerra Mundial.

No que se refere ao estudo da Força Expedicionária Brasileira e o seu desempenho no front italiano está relegado a nossa historiografia em muitos casos a segundo plano, nas escolas o tema é discutido quando se estuda o governo de Getúlio Vargas. O historiador Francisco César Alves Ferraz nas suas obras: *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial* (publicado em 2005) e *A Guerra não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-200)*, (publicado em 2012) vai se dedicar a elucidar questões do envolvimento do Brasil nesse grande conflito.

No primeiro livro o autor se dedica ao estudo sobre o que levou o Brasil a entrar no conflito e as consequências que isso trouxe ao país. Como os torpedeamentos e a criação de uma Força Expedicionária repercutiram no Brasil. Para Ferraz, o seu texto vai ser norteado por três questões principais “*(...) porquê um país situado na periferia do mundo capitalista e sem política externa agressiva entrou nessa guerra? Como os brasileiros participaram desse conflito? Quais as consequências sociais, políticas e econômicas dessa participação?*” (FERRAZ, 2005, p.8). Segundo Ferraz, a guerra poderia ser um “atalho” para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

No segundo livro, o autor dedica-se a estudar como foi a reintegração dos veteranos da nossa Força Expedicionária, enfatizando o esquecimento de nossa historiografia sobre o tema, principalmente porque a FEB foi a única força combatente na América Latina no continente europeu, durante a Segunda Guerra Mundial. Os veteranos não tiveram o reconhecimento e a ajuda necessária do governo Vargas. Ficaram renegados ao esquecimento, em um primeiro momento foram recebidos como heróis. Sem falar na relação que ficou dentro do exército após a guerra: o “exército de Caxias” versus o “exército da FEB”,

1.2.2. Sobre a FEB e o Cruzeiro Do Sul

Em busca recente, procuramos pelos termos: pracinhas, FEB e jornal *O Cruzeiro do Sul* no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES nos últimos cinco anos. Encontramos os seguintes trabalhos: *A FEB em Caxias do Sul: o museu enquanto um lugar de memória* (2018) de Guilherme Griebler, dissertação da Universidade de Caxias do Sul. O trabalho utiliza um site pedagógico como uma ferramenta de apoio para o museu dos Ex-combatentes da FEB em Caxias do Sul (RS). Tendo como objetivo fortalecer o uso pedagógico do museu e contribuir para o aumento da visibilidade da instituição; *Memórias e fluxos de vida no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial: Uma Etnografia no Monumento dos Pracinhas no Rio de Janeiro* (2017) tese de Antonio Agenor de Melo Barbosa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O trabalho pretende discutir e desnaturalizar a noção de arquitetura e monumento, a partir da etnografia do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM), popularmente conhecido como Monumento aos Pracinhas, situado desde 1960 no Parque do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro.

Outro trabalho, *Crônicas da guerra na Itália: estudo sobre o estilo de Rubem Braga e a história dos pracinhas* (2016) dissertação de Rafael da Cruz Ireno, na Universidade de São Paulo, aborda o livro de *Crônicas da Guerra na Itália* de Rubem Braga, focando nas tensões produzidas pela obra como: o lirismo, as inquietudes sociais, a dinâmica entre o individual e o particular e o efeito da censura. Já *Mudança de cardápio e impacto cultural: um estudo sobre alimentação da Força Expedicionária Brasileira (1944-1945)* (2017) de Durland Puppim de Faria, dissertação da Universidade Salgado de Oliveira, faz um estudo de análise sobre o impacto causado sobre a mudança da alimentação dos militares da FEB durante a Segunda Guerra Mundial. E como essa alimentação estrangeira influenciou a moral e no estado físico desses soldados que estavam acostumados a comer feijão, arroz e farinha.

Em *A crônica vai à guerra: Rubem Braga e os escritos do front* (2016), dissertação de Mariani Carolina de Souza Melo, na Universidade Federal de Uberlândia, a autora explora as principais características do gênero da crônica, sua historicidade e a ligação com o livro ou o jornal. No trabalho *As memórias do front: as coleções dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira* (2017), dissertação de Humberto Ferreira Silva, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, o trabalho analisa as coleções da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) em Juiz de Fora – MG, Casa da FEB (ANVFEB-RJ), Museu Militar Conde

de Linhares (MMCL), Museu Histórico do Exército/ Forte de Copacabana (MHEX/FC), o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM), e o Museu da FEB em São João Del Rei.

Em *A Força Aérea Brasileira na Segunda Guerra Mundial: a participação de um país periférico numa guerra moderna* (2014), dissertação de Heitor Esperanca Henrique da Universidade Estadual de Maringá, estuda-se a formação da FAB no contexto de um país rural contrapondo-a com a experiência da FEB e a memória das duas instituições. A FEB também é estudada em *Força Expedicionária Brasileira e seu lugar no patrimônio documental brasileiro: identificando arquivos* (2016), dissertação de Cristal Magalhaes da Rocha, na Universidade de São Paulo. O trabalho tem por objetivo mapear os principais mantenedores de memória que contém documentos a respeito da FEB, assim como traçar um panorama teórico a respeito de patrimônio histórico e cultural.

A dissertação *"Um narrador de si e da guerra. testemunhos de um Praça da Força Expedicionária Brasileira"* (2014), de Izaac Erder Silva Soares (Universidade Federal de Ouro Preto) tem por objetivo um estudo da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial a partir dos testemunhos do terceiro sargento brasileiro Osmar Gomes de Oliveira. O trabalho *A dialética de doutrinas francesa e norte-americana no Exército Brasileiro: o caso da Força Expedicionária Brasileira* (2015) é a dissertação de Daniel Albino da Silva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e estuda o impacto causado pela mudança doutrinária a que foi submetida o Exército Brasileiro quando da sua entrada na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), uma vez, que o Exército Brasileiro até esse momento era organizado pelos padrões franceses, e com a guerra mudou para os padrões norte-americanos.

Da glória ao esquecimento: a reintegração social de veteranos de guerra da FEB em Mato Grosso (1945-2014) (2016), dissertação de Caroline Martins Ojeda, da Universidade Federal de Mato Grosso, faz um estudo a respeito do processo de reintegração social de veteranos de guerra mato-grossenses, convocados a lutar pela Força Expedicionária Brasileira no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Evidenciando a história vivida por esses mato-grossenses a partir do fim da Segunda Grande Guerra e as consequências desse conflito em suas vidas. Na tese *Em luto e luta: construindo a memória da FEB* (2013), de Patricia da Silva Ribeiro (Fundação Getúlio Vargas) (RJ) investiga como se configura atualmente o campo da disputa memorial sobre a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB)

durante a Segunda Guerra Mundial. Através dos sujeitos políticos que atuam nesse processo como: Estado, Exército, Associações de veteranos e sociedade.

Com relação ao jornal *O Cruzeiro do Sul*, no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES não encontramos nenhum trabalho. Mas encontramos a monografia de Mario Clovis Aleixo *A atuação da Força Expedicionária Brasileira nas páginas do jornal O Cruzeiro do Sul* (2013), produzida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tem por objetivo analisar o jornal e apresenta a atuação da FEB no campo de batalha “quase perfeito”, analisando por outras fontes, observando que a coisa não foi bem assim.

Deste modo, pelos termos acima citados, ficou evidente que existem trabalhos que abordam a FEB, os pracinhas e a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Mas poucos trabalhos que utilizam ou analisam o jornal *O Cruzeiro do Sul*.

1.3. METODOLOGIA

A pesquisa terá como base o periódico *O Cruzeiro do Sul*. Para um melhor entendimento, é necessário levar em consideração que o jornal não é um mero transmissor de notícias. É preciso entender a tipologia de um jornal, qual o seu objetivo, para que tipo de leitor ele estar destinado, facilitando assim, um melhor entendimento e também uma futura crítica.

Na leitura do periódico *O Cruzeiro do Sul* fica enaltecida a coragem dos pracinhas, que saíram de um “país ensolarado” para lutarem na Itália com um “inverno rigoroso”. Essa coragem e “desprendimento” para lutar vêm principalmente do desejo de vingança.

O conceito de representação para a historiadora Sandra Jatahy Pesavento é categoria central da história cultural e foi incorporada pelos historiadores a partir das formulações de Marcel Maus e Émile Durkheim, no início do século XX. As representações construídas sobre o mundo possibilitam aos homens perceberem sua realidade e pautarem a sua existência. “São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio de representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2004, p.39).

Representar seria um apresentar de novo, utilizando como ideia central a substituição, que tem por finalidade recolocar uma ausência e torná-la sensível a uma presença. A

representação é um conceito ambíguo, pois, ela não pode ser uma cópia fiel do real, uma imagem perfeita, mas sim, uma construção feita a partir desse reflexo. O seu processo envolve percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão.

A força da representação não se dá pelo seu valor de verdade, segundo Pesavento por possuir uma capacidade de mobilizar e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações possuem um regime de verossimilhança e de credibilidade e não de veracidade.

Em seu texto *Acerca do conceito de representação* (2011) contido na Revista de Teoria da História da Universidade de Goiás, Dominique Vieira Coelho dos Santos comenta que o termo representação tem sido muito utilizado nos últimos anos pelos historiadores no Brasil. Mas que parte dos trabalhos não fazem uma crítica ao conceito e principalmente mencionam discriminadamente e aleatoriamente como se ele tivesse um único significado. E que principalmente o termo aparece nos textos escritos no Brasil associados as obras de Carlos Ginzburg e de Roger Chartier. Isso acaba passando a impressão que esses autores são os expositores soberanos desta problemática e o único caminho viável para o diálogo *“quando na verdade, estão inseridos em uma ampla tradição de reflexão para a qual é importante a idéia da representação e, tendo em vista a história deste conceito, a partir dos mesmos, desenvolve-se apenas algumas contribuições acerca de aspectos específicos”* (SANTOS, 2011, p. 27).

Para Santos representação no português pode ter vários significados. É uma palavra que tem origem latina, do vocábulo *repraesentare* que tem por significado “tornar presente” ou “apresentar de novo”. A expansão da palavra *repraesentare* ocorreu a partir dos séculos XIII e XIV, quando se dizia que o papa e o cardeal representavam a figura de Cristo e dos apóstolos. *“Na teoria política, o conceito de representação é encontrado pela primeira vez em 1651, em O Leviatã de Thomas Hobbes”* (SANTOS, 2011, p. 29). Portanto, representação é um conceito repleto de polissemias não possuindo um significado fixo.

Santos ressalta que Roger Chartier nos apresentou uma reflexão sobre o conceito de representações sociais. E que suas preocupações têm como tema: as atitudes perante a morte, os comportamentos religiosos, as crenças e as formas de sociabilidades etc. As representações sociais seriam determinadas pelos interesses do grupo que as implementam. Para o autor o livro de Chartier é concebido a partir de três noções: representações, práticas e apropriações. A representação seria a primeira, que para Chartier apresenta duas possibilidades de sentido: a primeira seria um objeto ausente que é trocado por uma imagem capaz de o recompor na

memória, a segunda seria que a representação evidencia uma presença, como a apresentação pública de algo ou alguém:

Em segundo lugar, temos as práticas, que pertenceriam a uma outra natureza. O historiador escreve sobre as práticas do passado. Chartier diz que a maioria dos trabalhos que ele orientou tratam de uma forma ou de outra do mundo das práticas culturais. O que deve ficar claro é que existe uma distância entre as práticas e os discursos. Por fim, com o termo “apropriações”, Roger Chartier se refere aos modos como um texto, um pensamento, ou uma imagem se transforma e é dada a ler em outros momentos ou outras realidades distintas das que foram produzidas. O autor acredita que há uma série de interpretações, mediações e apropriações que fazem com que seja necessário fazer uma história destas formas de leitura. (SANTOS, 2011, p. 35).

Para o autor a proporção de representação é uma possibilidade que deve ser levada com atenção e não deve ser excluída devido aos inúmeros problemas que ela pode ocasionar. Que não se deve escolher entre o real e o representado e quiçá devemos pensar em representação como uma proporção do real. Com isso, a representação e o real seriam correlatos, uma não existiria sem a presença do outro.

Devemos compreender o conceito de representação tendo em vista uma filosofia dos signos que se movem, onde não há sujeitos fixos, de um lado, representando objetos imóveis, de outro. É como um tabuleiro de xadrez, muda-se a posição das peças e temos novos sentidos, novas ordens, outras cosmologias. (SANTOS, 2011, p.48).

Neste trabalho a ideia de representação foi observada na forma como a FEB produziu uma imagem de “quase perfeição” e de “heroísmo” de seus soldados no *front* italiano. O pracinha representaria todo o país que foi ferido covardemente pelos alemães. Ou seja, eles não só estavam lutando por sua vida e sim para derrotar o grande inimigo de sua nação. Esses homens comuns foram transformados em heróis destemidos que estavam enfrentando o clima e o terreno tão diferente do qual estavam acostumados.

O periódico, sempre que possível, lembrava para seus soldados quem era o seu verdadeiro inimigo e o motivo para estarem ali. Os torpedeamentos no litoral brasileiro a)em agosto de 1942) foram o estopim para que esses homens dessem a vida por sua pátria. Muitos dos soldados que foram para o *front*, sequer sabiam por qual motivo estava ocorrendo a Guerra, quiçá porque seu país estava indo para Itália lutar.

Ao transformar esses soldados em heróis, a FEB também construiu a representação de uma entidade valorosa, que tinha em seus comandantes homens comprometidos com o seu trabalho

e que principalmente acreditavam nesses pracinhas. Se eles eram a representação de todos os brasileiros, a FEB seria a representação dos governantes, aqueles que davam as ordens, que decidiam sempre o melhor para todos, que aconselhavam e que felicitavam na vitória e agradeciam na perda.

2. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL SOB A PERSPECTIVA DO JORNAL *O CRUZEIRO DO SUL*: ENSINAMENTOS E CONSTRUÇÃO DO CONFLITO

*“Eu tentei fugir não queria me alistar
Eu quero lutar mas não com essa farda
Eu tentei fugir não queria me alistar
Eu quero lutar mas não com essa farda”.*
Núcleo Base. *Ira!* (1985)

A finalidade deste capítulo é analisar como *O Cruzeiro do Sul* contribuiu para a construção de uma proposta em torno do que seria, de fato, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) entre os Aliados e o Eixo. O periódico da FEB (Força Expedicionária Brasileira), através de suas páginas, oferecia um determinado tipo de leitura acerca do conflito. Entre pequenos editoriais, notas, cartas e algumas seções, principalmente *A Guerra em Quatro Frentes* (presente em todas as edições, exceto a edição especial, e sempre na página 4) e *Noticiário Internacional* (presente em algumas edições e sem uma página específica), os pracinhas deveriam ter ciência do que representaria para eles lutar num conflito de tamanha magnitude e a importância disto.

Sendo assim, as páginas do periódico procuravam exibir o desenvolvimento da guerra, o cotidiano dos soldados, os problemas enfrentados no *front* e a imagem que os brasileiros deveriam ter de sua pátria, a exemplo da seção *O que Vai pelo Brasil*, onde o país era apresentado como um local de pleno desenvolvimento econômico, social e político, entre outros aspectos.

Diante disso, faremos, nesta seção, algumas observações a partir das notícias do *O Cruzeiro do Sul*, buscando perceber como esse periódico construiu a imagem da Segunda Guerra por meio de ensinamentos que fornecessem ao leitor, o que seria realmente “importante” saber sobre a guerra.

2.1. O COTIDIANO DA GUERRA E DO BRASIL PELO JORNAL

Organizado em seções, *O Cruzeiro do Sul* apresentava não apenas o desenrolar do último ano da guerra, mas também o que estava acontecendo no Brasil através de colunas como *O que vai pelo Brasil* (com acontecimentos de ordem política e social) e a de *Esportes* (privilegiando o futebol). Além disso, continha artigos dos correspondentes de guerra que acompanhavam a FEB, entre eles: Rubem Braga (*Diário Carioca*), Egídio Squeff (*O Globo*); Joel Silveira (*Diários Associados*); Raul Brandão (*Correio da Manhã*) e Francis Hallawell (*BBC de Londres*). A chefia da redação ficava ao cargo do Cabo José Cesar Borba, que também assinava a coluna *Cartas do Brasil*.

No decorrer de 1945, o CS informava em suas manchetes sobre o cotidiano dos soldados brasileiros na Guerra, conforme podemos verificar no tema da coluna *Vida de Acampamento*, escrita por um certo “Veterano”:

Acaba de chegar ao acampamento a mala postal. Um acontecimento, o único acontecimento que, pode dizer-se, faz paralisar todas as atividades. Cartas! Cartas! (...) somente os que aqui se encontram, tão distantes da pátria e a conservam, dia e noite, no coração, sabem avaliar quanto reanima e fortalece o nosso soldado o conforto de uma carta. Não deixem sem notícias os expedicionários do Brasil (Ano I, nº I, p.2).

Em outra seção *A guerra em quatro Frentes*, observamos algumas notas sobre o desenvolvimento e acontecimentos do conflito em cada uma dessas frentes, considerados importantes pelo jornal. A primeira delas, *Frente Ocidental*, abordava, por exemplo, assuntos como o comunicado do Supremo Comando Aliado que noticiou a ocupação de Rochefort e Libremont:

Um dos pontos onde se tornara mais árdua a atual ofensiva germânica que, desfechada nas fronteiras da Bélgica e do Luxemburgo a 16 de dezembro, visava um rápido progresso sobre esses dois países, sendo o seu imediato objectivo a cidade belga de Liège. A captura de Rochefort é particularmente importante, pois essa cidade da Bélgica se acha situada sobre o rio Mosa. Libremont representa a espinha dorsal das linhas alemãs no flanco sul-oriental (Ano I nº I, p.4).

A *Frente Russa*, por sua vez, tratava de temas como a situação em Budapeste, descrevendo a capital húngara. De acordo com esta seção, a cidade havia se transformado em um “vasto cemitério; o inimigo morre nas ruas e as próprias ruas começam a morrer” (Ano I nº I, p.4). Acompanhando o que foi dito em *O Cruzeiro do Sul*, temos uma notícia do

periódico *Correio Paulistano*⁵, na edição de 03 de janeiro de 1945, informando que as tropas do exército russo estavam expulsando os alemães de suas últimas posições em Budapest. A notícia informava que a guarnição na cidade desfechava desesperados contra-ataques numa tentativa de retardar o colapso eminente. E continuava comentando que grossos rolos de fumo negro acometiam as ruas de Budapeste, e que principalmente os oficiais do exército russo estavam confiantes que em breve iriam esmagar os alemães:

A Indiscritível selvageria da batalha que ora que se trava nas ruas de Budapest está ultrapassando até a de Stalingrado. A luta chegou ao máximo de fúria. Conquanto seja menor o número de efetivos lançados em ação, os soviéticos se batem com o maior ímpeto, enfurecidos pelo assassinato dos dois enviados russos que eram portadores de “umtimum” aos nazistas (Correio Paulistano, 03 jan. 1945, p.1).

A matéria continuava informando que dois milhões de pessoas, homens, mulheres e crianças se encontravam em condições que correspondiam a uma agonia final dentro de Budapest, em despachos de soviéticos procedentes da capital Húngara.

Na *Frente Italiana* eram apresentados os progressos conquistados pelos inimigos, como capturar Barga, bem como no que tange a sua retomada pelas forças americanas do 5º exército e da atuação da Força Aérea Brasileira (Ano I nº I, p.4). E, por fim, a *Frente do Pacífico* informava acontecimentos como o fato de que, depois de 12 dias de Campanha, os americanos haviam ocupado em definitivo a ilha de Mindoro, nas Filipinas ou que o 14º Inglês avançava na Birmânia.

Como se pode perceber, cada uma destas notas ajudava a forjar determinado tipo de entendimento sobre os rumos da guerra. Fomentavam a sensação de que a vitória era somente uma questão de tempo. Tal tendência poderia ser constatada na parte *Comentários*, cujo título: *A Fortaleza da Alemanha, último reduto dos nazistas*, escrito pelo Major Souza Junior, apresentava um “pequeno quadro” das frentes de batalha na Europa. O texto foi publicado em 06 de outubro de 1944. Vejamos um trecho dele:

Na frente Oriental, embora favoráveis o terreno e a estação do ano, os russos diminuiram a intensidade de seus ataques (...) a invasão da Alemanha pela Rússia, através da Polônia, deverá ser precedida da conquista ou neutralização da Prússia. Na frente ocidental, a luta está, paulatinamente, se estabilizando ao longo das grandes linhas de defesa germânicas, o Reno e a Muralha Siegfried. Na Itália, no ritmo moroso e habitual, imposto pelas

⁵ Correio Paulistano fundado em 26 de junho de 1854 em São Paulo foi fundado pelo proprietário da Tipografia Imparcial, Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Nasceu liberal e independente, depois passou a ser conservador e dependente do poder político, com a fundação do Partido Republicano Paulista assumiu uma linha editorial liberal, abolicionista e republicana. Com o advento da República voltou a ser oligárquico e conservador. Deixou de ser editado no segundo semestre de 1963. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano>. Acessado em: 16-02- 2019.

condições do terreno, os aliados, entre os quais muito figuram hoje os brasileiros, não poderão ir além do Sopé dos Alpes, antes que derretam as neves da próxima estação hibernal (Ano I nº I, p.4).

Outro espaço do jornal que exibia pequenas notas sobre o desenvolvimento da guerra era a seção *Noticiário Internacional*, presente em algumas edições. Na segunda edição, por exemplo, comentava-se a expectativa da nova conferência entre Stalin, Churchill e Roosevelt, conforme podemos observar:

Como das outras vezes, importantes resoluções serão tomadas, dentro da mais perfeita harmonia de ponto de vista entre os chefes aliados, confirmando-se mais uma vez que nada poderá abalar a união das democracias contra o fascismo internacional (Ano I nº I, p.4).

Isto é perceptível na notícia sobre a visita de Churchill à França, onde ele se encontrou com os generais Montgomery, Eisenhower, De Gaulle e Duff Cooper. Nessa manchete, o Primeiro Ministro inglês declarou que foram feitos acordos para armar e fortalecer novas divisões francesas. Segundo o mesmo, não se tratava mais de ajudar um país que estava pedindo socorro, mas sim de fornecer subsídios para um aliado considerado indispensável. No *Correio da Manhã*⁶ de 06 de janeiro 1945, na nota *Churchill em França*, foi informado que ele regressou de uma curta viagem à França onde visitou Eisenhower, Montgomery e De Gaulle. Manteve conversação com esses políticos e também com Duffer Cooper, embaixador britânico em Paris (p.1). Enquanto isso, na declaração do secretário de Guerra dos EUA, havia uma afirmativa de que os alemães ainda dispunham de bastante material para lançar ofensivas.

Ainda referente à seção *Noticiário Internacional*, encontramos também uma nota sobre a Rádio de Moscou afirmando que o governo soviético reconhecia o governo provisório polaco de Lublin. Segundo a mesma, o “Supremo Soviet”, seguindo sua política de manter e reforçar as relações de amizade com a Polônia, decidiu reconhecer o Governo Nacional Provisório da República Polaca.

Corroborando com o CS, no *Correio Paulistano* de 06 de janeiro de 1945 em matéria intitulada *Foi reconhecido pela Rússia o governo polonês de Lublin* também foi anunciado pela rádio desse país que o governo da Rússia reconheceu o governo polonês de Lublin. A notícia informava que a rádio de Moscou anunciou que o governo soviético recebeu

⁶ *Correio da Manhã* foi um Jornal carioca diário e matutino fundado em 15 de junho de 1901 por Edmundo Bittencourt. Foi um periódico de oposição, com o Golpe Militar de 1964 o jornal inicialmente foi favorável, mas com o Ato Institucional nº 1, passou a denunciar torturas e arbitrariedades com o que acabou causando problemas financeiros e finalmente em 08 de julho 1974 deixou de circular. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/correio-da-manha>. Acessado em: 16-02-2019.

comunicação oficial do governo provisório nacional da Polônia, que o Comitê Nacional de libertação tinha sido transformado em governo nacional provisório. Esse Comitê sugeriu simultaneamente que representantes diplomáticos fossem permutados. O Presidente do Supremo Soviet, além do reconhecimento do governo provisório da República polonesa, nomeou Vitor Kajharovch Lebedev como seu enviado extraordinário e plenipotenciário da URSS junto ao governo provisório polonês em Lublin (Correio Paulistano, 06 jan.1945, p.8).

Já no periódico *Correio da Manhã* de 06 de janeiro 1945 na matéria intitulada *A Rússia reconheceu o governo polonês de Lublin* informava-se que as autoridades britânicas disseram que a decisão de Moscou não constituía surpresa e que não afetava o reconhecimento do governo de Londres, pelo governo polonês exilado, e que ocorreram trocas de correspondência entre os Estados Unidos, Inglaterra e Rússia sobre o assunto, mas que não teriam chegado a um acordo (Correio da Manhã, 06 jan. 1945, p.12)

Para além das relações diplomáticas entre os países envolvidos na guerra, as manchetes do CS procuravam inculcar nos leitores o heroísmo dos soldados brasileiros diante das dificuldades vividas no *front*. Temos como exemplo a reportagem na página 2, do correspondente de Bagley, da Associated Press, *Como Lutam Nossos Homens*. A nota afirmava que o povo brasileiro acreditava e estava pensando que a vida no *front* era fácil. Segundo o correspondente que escreveu a matéria, a partir de notícias encontradas em cartas oriundas do Brasil, ele teve conhecimento dos fatos acidentalmente conforme se percebe na sequência:

Porém se o povo no Brasil pensa que a vida no front é agradável está cometendo um grande engano. Esta é uma guerra de balas e bombas, sangue e coragem, morte e feridos. Ela difere de uma simples manobra militar ou de um mero show no Cassino da Urca. Se você nunca viajou fora do Brasil, não teve a oportunidade de conhecer o que realmente significa a neve, o gelo por toda parte, as temperaturas abaixo do ponto de congelação. (...) De quando em vez pode o soldado reunir-se rapidamente para aquecer-se sobre o fogo em alguma casa oculta das vistas alemãs, porem nunca por muito tempo. Ele dorme vestido apenas sobre o terreno ou assoalho, usualmente com três cobertores. Quando não em ação, ele geralmente tem sua comida quente, aguardando na fila sua vez para comer em pé ou acocorado (Ano I, nº II, p.4).

Colaborando com Bagley temos no *Correio Paulistano*, na edição de 03 de janeiro de 1945 na matéria *Campanha da meia de lã para o expedicionário Novas opiniões sobre o patriótico movimento iniciado pela Liga de Defesa Nacional*. Era inicialmente comentado sobre o compromisso do Brasil com as Nações Unidas e o seu empenho na luta:

contra os bárbaros nazi-fascistas que ultrajaram a nossa soberania e ameaçam a independência de todos os povos. Enquanto nos campos de batalha a Força expedicionária é conduzida ao triunfo pelo mesmo espírito de luta e amor a liberdade que no passado nos deram tantas glórias, enquanto isso, a retaguarda trabalha pondo-se cada vez mais fortemente em pé de guerra (Correio Paulistano, 03 jan. 1945, p.12)

O jornal abordava também a questão que os agentes da *Quinta Coluna* queriam causar divergências e transformar pequenas querelas em motivo de choques sangrentos, mas que os brasileiros compreendiam que a questão da liberdade e da democracia merecia todo o sacrifício e renúncias do ponto de vista particulares. A matéria continuava comentando que o elemento de união dos brasileiros deviam ser os princípios patrióticos e que a FEB era a sentinela e guardião e que a mesma estava contribuindo para a libertação dos povos oprimidos pelo hitlerismo. Chegavam a essa conclusão com a enquete onde ouviu alguns patriotas que estavam contribuindo para a campanha de lã promovida pela Liga da Defesa Nacional. No texto é enfatizado a brasilidade, o civismo e a compreensão dos brasileiros com os soldados no conflito.

Já o *Correio da Manhã*, na edição de 03 de janeiro 1945, na matéria *Legião Brasileira de Assistência*, informava que LBA tinha encontrado em todas as classes sociais do país simpática e cooperação em seu programa de assistência às famílias dos convocados e apoio moral e material aos soldados no conflito. Que a comissão estadual da LBA na Bahia tinha dado início ao serviço denominado “Madrinhas de Guerra”, fundando em Salvador, 14 postos coletores. Também que a Escola Profissional de Práticos de Farmácia e do Curso Regente do Rio de Janeiro, entregou a LBA 6.280 cigarros destinados para aos pracinhas no *front* italiano. A LBA tinha como presidente a primeira dama Darcy Vargas (Correio da Manhã, 03 jan. 1945, p.13).

A partir do relato de Bagley, percebemos que o mesmo procurou demonstrar o quanto a guerra era difícil e cruel, exigindo dos soldados o máximo de estratégia e preparo. Sendo assim, a população brasileira deveria estar informada dos percalços enfrentados pelos combatentes da FEB, seja por conta dos inimigos ou devido às adversidades climáticas e referentes à estrutura do relevo, dificultando o acesso e permanência destes em algumas áreas. Era preciso observar todos esses aspectos, antes de fazer qualquer comentário descabido. Ou seja, os soldados brasileiros, para o autor, eram verdadeiros heróis, principalmente por não estar fazendo queixas sobre essas notícias vindas do Brasil.

De qualquer maneira, o desempenho dos soldados na guerra parecia ser um foco importante do Jornal *O Cruzeiro do Sul*. *A Guerra em Quatro Frentes* continuou em seu

segundo número a mostrar que os Aliados estavam utilizando todo o seu poderio contra o Eixo. Por exemplo, na *Frente Ocidental*, a informação era que o 7º Exército havia aniquilado uma tropa inimiga estabelecida no sul do rio Saar.

Enquanto isso, na *Frente Russa*, o grande empecilho era a batalha de Budapeste, que apesar de derrotas do inimigo, ainda não tinha tido um fim. Um correspondente comparou essa batalha com as fases mais agudas de Stalingrado. No que tange à *Frente Italiana*, os soldados foram informados pelo jornal que no setor do 8º Exército, os canadenses estavam progredindo significativamente dentro das defesas alemãs.

Outro aspecto importante apresentado pelo CS era o de sempre procurar demonstrar o grande apoio dos Estados Unidos para o Brasil na Guerra. Em sua terceira edição, na primeira página destacava-se a mensagem do presidente eleito dos EUA, Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), na qual o político ressaltava o papel dos brasileiros na frente de batalha na Itália de acordo com a seguinte passagem: “inclusive o valoroso e bem equipado Exército brasileiro” (Ano I, nº III p.1).

No *Correio Paulistano* na edição de 07 de janeiro de 1945, na *matéria* intitulada *Importante mensagem de Roosevelt ao Congresso norte-americano*, destaque para a mensagem de Roosevelt que afirmava não tinha dúvidas da vitória na Guerra dos Aliados, mas que isso custaria vidas. Informava que os Aliados chegaram à conclusão de que deveriam concentrar todas as suas forças em terra e ar contra a Alemanha, até sua completa derrota. Comentou que não se deveria esquecer que a Grã-Bretanha resistiu sozinha e nem as heróicas defesas de Moscou, Leningrado e Stalingrado, ou as ofensivas russas. Com relação à frente italiana ele comentou que as grandes operações na Europa Ocidental tiraram a atenção pública dessa importante frente, obscurecida e menosprezada por alguns:

Em terreno muito difícil e com o mau tempo, o nosso quinto e o oitavo exercito britânico, reforçados por forças de outras nações unidas, entre as quais o valente e bem equipado Corpo Expedicionario do Brasil, avançaram para o norte e, agora, ocupam posições nas elevações do vale do pó (Correio Paulistano, 03 jan. 1945, p.2).

Já com relação ao Pacífico informou que conseguiram fazer a mais rápida ofensiva da história da Guerra Moderna (Correio Paulistano, 03 jan. 1945, p. 1-2).

Como de costume, o periódico buscava sempre enfatizar qualquer notícia internacional dada sobre a FEB. Um exemplo disso foi a nota publicada pelo jornal argentino *La Prensa*, que ofereceu atenção especial a um telegrama de Roma enaltecendo os soldados brasileiros.

Os combatentes foram considerados pelo referido periódico como tenazes, dispostos a lutar e que não se deixavam esmorecer pelo clima adverso e um inimigo forte.

O CS ressaltava ainda o esforço de guerra dos soldados que agiam na Frente Ocidental, lutando contra a neve e a baixa temperatura. As tropas aliadas do General Montgomery e do general Patton ao sul de Ardennes, investiam por três lados e as tropas do 1º Exército Francês perdiam Obennheim, depois de uma investida alemã com carros blindados. Enquanto isso na *Frente Russa*, o jornal informava que em Budapeste nada tinha-se alterado, a batalha continuava lenta, sangrenta e progressiva. Já na *Frente Italiana*, Unidades navais atacaram um comboio a sudeste de Gênova, onde foram pelo menos destruídos dois navios do inimigo e, por último, na Frente do Pacífico, apontava que o General MacArthur havia libertado duas cidades na ilha de Luzon.

Ainda buscando observar como o CS procurou construir determinado tipo de representação da Guerra através de suas seções, encontramos na página 1, da quarta edição, no *Noticiário Internacional*, o comentário sobre a realização da Conferência Inter-Americana dos Chanceleres, ocorrida em 15 de janeiro de 1945, na capital do México. A República do Salvador não seria convidada porque seu governo não foi reconhecido pelas outras nações da América. Juntamente com a Argentina, estes seriam os dois únicos países do hemisfério sem representação na Conferência.

O já citado *Correio Paulistano* em 11 de janeiro de 1945, na nota sobre a *I Conferencia Inter-Americana*, informava que a I Conferência Inter-Americana seria realizado no México na segunda quinzena de fevereiro. Naquele momento estava sendo estudada a possibilidade da participação da Argentina. E esperava-se que o embaixador Leão Veloso, Ministro Interino das Relações Exteriores seria escolhido para presidente da embaixada brasileira para a referida conferência. Já na edição de 12 de janeiro de 1945, na nota com o título *Nelson Rockefeller manifesta pesar pela não representação Argentina na Conferencia do Mexico*, em seu primeiro discurso transmitido por rádio desde que tinha assumido suas funções no Departamento de Estado, Nelson Rockefeller demonstrou profundo pesar pela não participação da Argentina na Conferência do México (*Correio Paulistano*, 12 jan., p.8).

Em contrapartida, na quinta edição do *O Cruzeiro do Sul*, o destaque ficou por conta do desenvolvimento do conflito, exposto na seção *A guerra em Quatro Frentes*. Na *Frente Ocidental*, por exemplo, a contra-ofensiva alemã entrava em declínio depois de um mês de ataques às linhas Aliadas. Por outro lado, na *Frente Russa*, a narrativa girava em torno do reinício da ofensiva soviética na Polônia, partindo da Varsóvia visando alcançar a Croácia e a

Silésia. Em relação à *Frente Italiana*, a situação noticiada pelo jornal era que a mesma permanecia imutável, devido aos fortes nevoeiros que prejudicavam as ações de maior envergadura e, por fim, na *Frente do Pacífico*, a informação era de que as tropas do General MacArthur continuavam progredindo na ilha de Luzon.

Além disso, na primeira página da sexta edição, a notícia intitulada “Varsóvia”, trazia o anúncio de Stalin, que em 17 de janeiro avisava que os nazistas foram finalmente expulsos da capital polonesa: “Varsóvia está livre. Os seus opressores, responsáveis por tantos massacres, estão sendo rechaçados para a Alemanha, onde as nações Unidas irão apanhá-los para responderem pelos seus crimes” (Ano I, nº VI, p. 1). Ainda sobre assuntos relacionados à Varsóvia, o “Noticiário Internacional” informava também que segundo a Rádio de Lublin, o governo provisório tinha assumido o poder da capital polonesa.

O *Correio Paulistano*, em 08 de janeiro de 1945, na matéria *Varsovia libertada!*, reforçou que Moscou informou que o Marechal Stalin anunciou que as tropas soviéticas tinham capturado Varsóvia, a capital da Polônia. A matéria informava que, após as vitórias, Stalin dirigiu ao Marechal Bukhov e ao chefe de seu Estado Maior general Malinin, que ocupasse a cidade de Zyrardow e em seguida cortasse a rodovia que levava a Sochaczew e no dia 17 de janeiro por meio de operações conjuntas pelo Oeste e pelo Sul, ocuparam Varsóvia. Como comemoração de sua conquista seriam disparadas 24 salvas de 324 canhões (*Correio Paulistano*, 08 jan., p. 1-2).

No que diz respeito à sétima edição, a informação era de que na *Frente Russa*, a ofensiva soviética na região polonesa, na Prússia Oriental e na Silésia alemã, estava a cada dia impondo ao inimigo novas perdas. Uma demonstração clara disso é que na *Frente Ocidental*, os alemães foram derrotados em Ardennes, devido à ação combinada dos exércitos Aliados. Enquanto isso, na *Frente Italiana*, a aviação americana continuava destruindo todas as vias de comunicação e depósitos dos alemães na Itália setentrional, assim como também, as ligações ferroviárias entre os dois países foram bloqueadas devido aos bombardeios. Já na *Frente do Pacífico*, os americanos libertaram a cidade de Tarlac, na Ilha de Luzon.

Dando continuidade, a oitava edição apresentou o desenvolvimento da Guerra na *Frente Russa*, comentando que as forças de Rokossovski e Cherniakovski atacaram as defesas inimigas na Prússia Oriental, isolando essa província do Reich, e encurralando no seu interior cerca de 200.000 soldados alemães. Na *Frente Ocidental* informava-se que no setor holandês os britânicos do 2º Exército penetraram no território alemão e estavam destruindo os grupos nazistas naquela região.

Por último, na nona edição o destaque foi para Frente Russa que estava 117 quilômetros de Berlim. Na região do Báltico foi anunciada a captura de Memel, último reduto alemão na Lituânia, onde a própria emissora de Berlim admitia que os russos já se encontravam nos subúrbios da capital da Prússia Oriental. Além disso, Hitler estava com o seu Q.G instalado na Frente Oriental, devido à ameaçadora ofensiva dos soviéticos.

2.2. O CRUZEIRO DO SUL, REPRESENTAÇÕES, O BRASIL E OS PRACINHAS

Até o momento buscamos apresentar por intermédio das seções, a perspectiva exibida pelo Jornal *O Cruzeiro do Sul* em relação à Segunda Guerra Mundial. Na tentativa de forjar uma concepção do que “realmente” significava o conflito e conscientizar os brasileiros sobre a importância da participação da FEB na guerra. Para tanto, o CS lançou mão também do recurso pedagógico, no sentido tanto de aproximar, como despertar a população para um compromisso maior com a pátria por meio do heroísmo de seus combatentes.

Ao longo de suas páginas, o periódico procurava explicar por que o Brasil foi combater na Itália. Como exemplo, podemos citar o texto do então Soldado Jacob Gorender, intitulado *Defendemos uma Causa Justa*. Nele, o autor procurou respaldar a presença dos brasileiros no conflito. Em primeiro lugar, ele advertia que o brasileiro possui um sentimento de aversão às guerras injustas e anexionistas, destacando que a história do povo brasileiro foi marcada por uma busca pelo progresso econômico, político e cultural justo, conforme podemos verificar na sequência:

Porque esta é uma guerra justa simultaneamente contra a brutal agressão do imperialismo germano-fascista e de libertação nacional dos povos oprimidos. (...) sim, o povo brasileiro tem sido conseqüente com a causa das Nações Unidas, lançando ao combate o máximo das suas energias disponíveis. Ele desbaratou admiravelmente, no front interno, a rede de intriga e espionagem da quinta coluna, composta de agentes nazistas e traidores da pátria. Tão pouco, pode ser olvidado o constante fornecimento de matérias primas aos arsenais democráticos e a atuação da Marinha de Guerra e da Força Aérea, na defesa do Atlântico Sul. E, como prova máxima da sua lealdade, tem o povo brasileiro nos campos de batalha da Europa, uma já gloriosa Força Expedicionária, que desfere incansavelmente golpes poderosos sobre os hitlerianos (Ano I, nº VII, p.4).

Este sentimento também foi expresso no texto do 1º Tenente Pedro Cavalcanti, *A tentação da bravura conduz além da missão*: “O Brasil não só esteve presente na batalha pela destruição do nazi-facismo [SIC], como lavou sua honra ultrajada vil e covardemente nas

caladas da noite. Nossos mortos estão sendo vingados!” (Ano I, nº XIII, p.2). Como fica perceptível, o impresso buscava apresentar a morte no front como um ato de heroísmo.

Da mesma maneira, o texto do Major Nelson R. de Carvalho, *O conquistador solidario* [SIC], enfatizava a história do soldado João F. Silva, cujo cadáver foi encontrado semi-conservado pela neve depois da tomada de Monte Castelo. Estava segurando o seu fuzil em riste: “João Silva! Fostes vingado! E teu exemplo ficará para sempre, como símbolo: o do infante brasileiro que seguro ao fuzil, só vai a batalha para vencer ou morrer! ” (Ano I, nº XXXI, p.1).

Na coluna *Diario e pensamento de um expedicionário* escrito pelo Cap. Santa Luzia, da série Reportagem da Itália transmitida pela BBC, ele aborda a necessidade, importância e formação de um herói e que a falta de instrumentos de melhores registros não permitia o relato mais detalhados de seus feitos:

Talvez que se comovessem vendo num jornal o frontispício de suas tímidas consortes, num sorriso esboçado com a rapidez de anuncio luminoso; que se escutassem ao rádio ouvindo um jogo de futebol; que xingassem o Serviço Postal pela demora de correspondência em cujo transporte oceânico nenhuma interferência tem este serviço; que sobrecarregassem seu vocabulário com neologismo e estrangeirismos; em suma, que fossem tão humanos como seus compatriotas de ontem e de hoje (...) outra, bem se vê, é a situação do combatente nesta segunda Guerra Mundial. Não somente a história, a poesia ou a pintura levarão às gerações vindouras os seus atos de valor e desprendimento. As modernas conquistas do rádio e da cinematografia permitem, além disso, que ele seja focalizado nos momentos comezinhos de sua vida no front, mesmo sendo apenas um combatente, não ainda um herói no significado restrito das citações militares. (Ano I, nº X, p.3).

É visível, portanto, como *O Cruzeiro do Sul* procurou enaltecer a coragem dos pracinhas que saíram de um “país ensolarado”, para lutarem na Itália com “inverno rigoroso”. Essa coragem e “desprendimento” para lutar estaria associada, principalmente, ao desejo de vingança, de destruir o inimigo que matou covardemente mulheres e crianças brasileiras, imbuindo assim nos combatentes, o desejo de liberdade, de livrar o mundo do nazismo e fascismo.

Tal era a bravura dos combatentes, que na décima segunda edição encontra-se um relato de que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), havia distribuído aos jornais brasileiros nota que teria chegado ao Rio de Janeiro, 80 feridos de guerra brasileiros proveniente da frente italiana, entre eles: 12 oficiais, 12 sargentos e 56 cabos e soldados, todos internados no Hospital Central do Exército. Numa visita de um jornalista carioca, os

feridos de guerra declararam que desejavam voltar para o campo de batalha conforme podemos observar na seguinte declaração:

Salientaram que é muito agradável o ambiente da Força Expedicionária Brasileira, onde se nota grande camaradagem entre as tropas, se referiram ainda, elogiosamente, às relações entre as unidades brasileiras e americanas, cuja ação conjunta, muito tem contribuído para os sucessos contra o inimigo comum. O Chefe do governo esteve no HCE, tendo percorrido as enfermarias onde se encontravam aqueles militares (Ano I, nº XII, p.3).

Enquanto isso, na vigésima edição, verificamos no texto *Castelo-Vitoria do Brasil*, o tenente Alberto Firmo de Almeida enaltecendo a conquista do exército brasileiro em Monte Castelo. Para ele, um povo de tradições democráticas, que teve que ir à luta depois que suas belas praias ficaram tintas de sangue inocente, não podiam titubear frente ao inimigo:

Às páginas da história, acrescentaram-se feitos brilhantes: a resistência heróica do povo inglês, as ofensivas sangrentas do brioso povo russo, a intervenção total dos gloriosos norte-americanos. Londres, Stalingrado, as campanhas da África e do Pacífico, os desembarques na Itália e na França foram feitos que avivaram a sagrada chama que conduzirá a humanidade para dias mais felizes. (...) Nos campos de batalha da Europa, os soldados expedicionários do Brasil foram sempre dignos do passado glorioso. Inúmeras vezes repeliram violentamente terríveis ataques do inimigo experimentado e

forte. Nunca cederam um palmo de terra que lhes tivesse sido confiado. A capacidade defensiva estava sobejamente demonstrada. (...) os livros históricos de todos os regimentos da FEB encheram-se de episódios dignificantes, de desprendimento e bravura. Monte Castelo Resistia. Um soldado do Regimento Sampaio ao cair mortalmente ferido gritou aos companheiros do grupo: “Avante Camaradas”. (...) Monte Castelo Não foi somente vitória que de um Regimento ou da FEB... Monte Castelo foi vitória que representa a sagrada síntese das nossas aspirações nesta luta contra o fascismo. Monte Castelo foi vitória do Brasil (Ano I, nº XX, p.1).

O jornal fazia questão de ressaltar o apoio que os conterrâneos prestavam aos soldados em combate. Na décima sexta edição, no texto *Nosso povo está na guerra*, era enaltecido o fato do povo brasileiro participar ativamente do conflito, devido ao número de cartas que chegavam do Brasil, do envio de maços de cigarros tanto de boa, como de má qualidade, de capuz, meias, luvas de lã, e principalmente a participação de entidades patrióticas, da Liga da Defesa Nacional e dos estudantes universitários como percebemos a seguir:

Nosso povo está na guerra também. Quando nós chegamos a esta conclusão, esquecemos o frio, a lama, a neve, e muitas vezes a boia, e, até mesmo os “pé de trincheira”. Temos saudades de nossa terra, da nossa gente, saudades imensas das pequenas coisas que, como grandes necessidades, já faziam parte integrante de nossa vida no Brasil (...) mas nós sabemos também que enquanto não conquistamos a vitória, derrotando totalmente o inimigo nazista, a carne estará racionada, o leite e o açúcar um tanto difíceis, as filas

aumentando e o custo de vida subindo. E tudo isso porque nos fazemos parte dele, e o nosso povo está na guerra também (Ano I, nº XVI, p.2).

Além de buscar levantar o ânimo dos soldados, o CS apresentava ainda em suas páginas, uma série de instruções sobre como o soldado deveria portar-se no front, entre elas, algumas precauções que precisariam ser tomadas diante de explosões e no combate ao nazismo. A décima quarta edição, por exemplo, contém o texto *Estilhaços*, do Sargento Orly Martins. Nele, o autor apresentava o perigo causado pelos estilhaços e os cuidados que os soldados deveriam ter quando ocorria a explosão de uma bomba. O mesmo comentava que o perigo não estava na explosão em si:

Todo o perigo de qualquer petardo reside, propriamente, no seu impetuoso deslocamento de ar seguido de uma chuva infernal de estilhaços, em todas as direções, que vitimam os que não tiverem tempo de deitar-se, nas proximidades do local do estouro.

Qualquer militar precavido, que sabe dos efeitos sinistros dos projetís de artilharia, traz sempre os ouvidos atentos e, ao menor ruído estranho, atira-se ao chão, deitando-se com a máxima ligeireza possível e permanecendo nesta posição, até que a tempestade passe.

É muitas vezes, aconselhável, principalmente quando não ha abrigos perto, não abandonar logo essa posição de defesa individual, porque quasi sempre, atrás da primeira bomba vêm outras com o mesmo endereço (Ano I, nº XIV, p.2).

Outra preocupação constante exibida pelo jornal foi a de orientar os pracinhas no sentido de combater o nazismo e as suas armas de sedução, como, por exemplo, jogar panfletos entre os soldados, caluniando os Aliados. Tal apreensão é demonstrada na pequena nota *Cuidado com os espiões*, sempre alertando os nossos soldados como podemos verificar nas seguintes frases: “Fecha tua bôca [SIC] para assuntos militares. Bôca [SIC] fechada não entra moscas... nem bala” (Ano I, nº XIV, p.2).

Fazia-se importante, ainda, para o CS instruir os soldados no front sobre como andavam as coisas no Brasil. Já a partir da segunda edição, o jornal passou a ter a foto de uma cidade brasileira para os soldados matarem a saudade de sua terra: “As noticias do Brasil nos agradam, mas são as fotografias que falam melhor à nossa saudade” (Ano I, nº II, p. 3). A seção *O que vai pelo Brasil* esteve presente em quase todas as edições, exceto na de nº 13 (15 de fevereiro), devido aos festejos do carnaval no Brasil; na de nº 31 (26 de abril), em virtude de um defeito no aparelho receptor do serviço de rádio-escuta do serviço especial, o que acabou impossibilitando de se obter notícias do Brasil; e no nº 34, que foi uma edição especial com a comemoração da vitória e do fim da Guerra.

Ainda nesta seção, foram publicadas pequenas notas de ordem política, social e econômica do que estava ocorrendo no Brasil. Nelas, apresentava-se um Brasil em constante desenvolvimento econômico, afinado com as grandes potências europeias, solidário com os problemas que a guerra estava ocasionando no mundo, principalmente aos italianos. Outro ponto forte era a presença de elogios aos esforços da FEB no campo de batalha e de comemorações em homenagens aos soldados brasileiros, demonstrando que os seus esforços estavam sendo recompensados e que o país estaria de braços abertos para receber aqueles valorosos guerreiros.

Além desse tipo de abordagem, o periódico buscava indicar como a imprensa nacional repercutia o conflito e a atuação dos combatentes. Na primeira edição, constava um relato feito pelo titular da Aeronáutica, Salgado Filho, de regresso ao Rio de Janeiro, sobre a excelente impressão que lhe causou a atuação dos aviadores brasileiros nas frentes da Itália e da França. Já na página 4 da segunda edição, informava-se que a Rádio Nacional do Rio de Janeiro transmitiu comentário sobre a FEB, ressaltando que já se tornou comum os feitos dos brasileiros na frente de combate.

Enquanto isso, na terceira edição, a imprensa brasileira dava destaque ao aparecimento do jornal *O Cruzeiro do Sul*. Na mesma edição, página 04, foi publicada uma nota, intitulada *Certa notícias de certos jornais*, na qual se fazia uma crítica a notícias que estavam sendo veiculadas em alguns jornais brasileiros de que a FEB estaria na Itália a passeio.

Ao longo das edições também era possível ler sobre o aumento das exportações norte-americanas para o Brasil; a mudança do embaixador dos EUA; em relação a criação da Comissão Brasileira de Socorro e Ajustamento para tratar dos problemas de pós-guerra. A seção noticiava, ainda, que o Brasil aceitava receber órfãos de guerra europeus. Além disso, teve destaque também a doação de Candido Portinari de um de seus quadros para a Sociedade Feminina de Auxílio às famílias convocadas. O quadro rendeu 55.000 cruzeiros; mudança de chefia no departamento do café; aumento para 10 litros de combustível para os veículos empregados no transporte de passageiros e cargas no Rio de Janeiro. Todas estas informações tinham o intuito de levantar a moral dos soldados e fazê-los acreditar que a vitória não só estava próxima, como ao retornar, encontrariam um país desenvolvido e cheio de oportunidades para os heróis da guerra.

A preocupação com os estrangeiros e com as fronteiras também estava presente nas notas de *O Cruzeiro do Sul*. Na segunda edição, por exemplo, encontramos a informação de que o Conselho de Imigração e Colonização do Ministério das Relações Exteriores, estava

elaborando novas tabelas para a emigração europeia ao Brasil como podemos observar na seguinte notícia: “adianta-se que não haverá preferência para nacionais de qualquer país, sendo que não será permitida a entrada em território brasileiro de grupos formados por súditos do Eixo, dos quais se excluam os italianos” (Ano I, nº II, p. 3).

Por sua vez, na sétima edição, foi publicada a notícia que o General Mascarenhas de Moraes, o comandante da Força Expedicionária Brasileira, tinha recebido do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reino da Itália uma carta em agradecimento aos donativos que o Brasil tinha feito às cidades italianas, conforme examinamos na sequência:

A opinião pública italiana, que já tanto aprecia a solidariedade e afetuosa amizade demonstrada para nossa população tão duramente provada pela guerra, pelos soldados brasileiros, que combatem na Itália contra o inimigo comum, está sensibilizada pelo magnífico donativo de Ano Novo do qual V. Excia. Quis ter a generosa iniciativa. Iniciativa que é uma nova prova dos laços indissolúveis de verdadeira amizade que unem nossas duas nações, de origem, fé e cultura comuns (Ano I, nº VII, p.3).

Nesse pequeno trecho da carta que o periódico publicou é possível salientar que tanto o governo italiano quanto o governo brasileiro faziam questão de mostrar que os dois países não eram inimigos e que, principalmente, mantinham um inimigo em comum, o alemão. Outrossim, o jornal também intencionou mostrar que a FEB além de ser uma grande aliada dos italianos, possuía uma admiração não somente de seu povo, bem como de seus governantes.

Essa notícia foi corroborada no *Correio Paulistano* na edição de 05 de janeiro de 1945 com a nota *A FEB distribui alimentos aos necessitados na Itália*, em um despacho enviado de Roma foi informado que a FEB fez uma doação de um donativo de suprimentos alimentícios para os necessitados da Itália, devido a comemorações de entrada do novo ano. Segundo o despacho foram enviadas 58 caixas de chocolate e 45 caixas de carne em conserva. Também é informado que o Ministro do Interior da Itália enviou uma mensagem de agradecimento ao General João Batista Mascarenhas Moraes (*Correio Paulistano*, 05 jan. 1945, p.11).

Outro aspecto relevante apontado no periódico *O Cruzeiro do Sul*, era a tentativa de mostrar o clima de amizade entre os soldados brasileiros e de combatentes de outros países. Na oitava edição, apareceu a nota sobre uma festa de confraternização entre os militares americanos e brasileiros da guarnição, realizada na Granja Cruzeiro do Sul em Recife. É possível perceber na publicação, a preocupação em passar para o leitor, um clima de total camaradagem entre os oficiais dos dois países, que elevavam saudações à tradicional amizade

brasileiro-americana. Na oportunidade, o comandante da Esquadra Norte-Americana no Atlântico Sul, teceu elogios ao papel desempenhado pelo Brasil no conflito.

Os elogios dos norte-americanos aos pracinhas foram bastante ressaltados pelo CS. A vigésima edição informava que em entrevista à imprensa de Washington, o secretário da Guerra dos Estados Unidos, teria tecido elogios aos soldados brasileiros após a captura de Monte Castelo, na Itália. Numa operação em conjunto com a 10ª Divisão de Montanha do V Exército.

Esse clima democrático e de boas relações vivenciado pelos soldados na Europa, havia contagiado os brasileiros e o CS fazia questão de ressaltar tal aspecto em suas últimas edições. Na décima edição, por exemplo, apontava que no programa *Hora do Brasil*, estavam sendo dados os primeiros passos para a realização de eleições populares. Em poucos dias, seria publicado o novo código que abolia o antigo sistema de registros e expedições de títulos eleitorais. A partir daquele momento, cada eleitor teria que apresentar a sua carteira de identidade na hora que fosse votar.

Na décima quinta edição, o tema voltou à tona sobre as eleições as quais seriam brevemente realizadas no país. Em entrevista à imprensa de São Paulo, o Chefe do Departamento Federal de Segurança Pública, informava que o pleito eleitoral para Presidente e membros do Congresso Nacional ocorreria em pouco tempo: “será um espetáculo de cultura e civismo, no qual o povo brasileiro demonstrará que compreende o que seja uma democracia” (Ano I, nº XV, p.3).

Enquanto isso, na décima oitava edição, o destaque foi para a nova política do Brasil. O programa *Hora do Brasil*, noticiava que teria sido realizada na sala do descanso do Palácio do Rio Negro em Petrópolis uma entrevista do Chefe do Governo a jornalistas brasileiros e internacionais sobre o momento político do Brasil. As perguntas foram feitas por assuntos que tinham sido previamente estabelecidos. Uma das questões referia-se à promulgação da Carta Constitucional de 1937, sendo respondida entre outros motivos: pelo perigo comunista e pela propaganda do integralismo que levaria o país a depravação política em doutrinas importadas pela Alemanha e Itália. Indagaram também se o artigo 177 da Carta de 10 de novembro seria utilizado como uma arma política. O entrevistado responde que essa medida era aplicada somente aos crimes funcionais e de caráter administrativo e que nos meios políticos ninguém sofreria sua ação.

Ainda em relação ao processo eleitoral, outra nota informava que teria sido assinada e publicada a Lei Constitucional número 9 que modificou o texto da Carta de 10 de novembro,

de acordo com exigência exposta ao chefe do governo pelo Ministério para que pudesse satisfazer a realização democrática de futuras eleições, e, principalmente adaptado o Brasil aos princípios estabelecidos nos entendimentos das nações Unidas.

O Cruzeiro do Sul publicou também sobre a volta de exilados políticos, onde se informava que a imprensa carioca estava bastante movimentada com o regresso desses sujeitos. A principal personagem citada nesse contexto é Anita Leocádia Prestes, filha de Luiz Carlos Prestes. Sobre isso, o DIP informava que a filha de Prestes não era brasileira, nunca esteve no Brasil e que a mesma no momento, vivia no México. O Departamento de Imprensa e Propaganda, também esclarecia que não haviam exilados brasileiros. Aqueles que saíram do país, o fizeram por sua própria vontade, e, portanto, poderiam retornar quando quisessem.

Já nas últimas edições é possível constatar a preocupação com o papel que o Brasil ocuparia depois da guerra. Na coluna *Comentários*, do Major Sousa Junior, *Divagações sobre a guerra*, ele faz especulações sobre o fim do conflito, analisando os pontos de vistas dos otimistas e dos negativos. Para os primeiros, a guerra não passaria de mais um mês, mas, para os segundos, ela ainda duraria um ano como conferimos abaixo:

Mas todos nós sabemos, na verdade, que somente o Alto Comando Aliado poderá possuir elementos para dizer aproximadamente quando chegará ao fim esta hecatombe mundial (...). No caso particular da Alemanha, que se encontra como a fera acuada em seu refúgio em seu refúgio, não é fácil prognosticar a data de sua derrota final. É interessante, porém, especular e fazer divagação sobre o tema que preocupa no momento: resistirá a Alemanha, ou deplorá as armas, diante do cerco que se aperta, e dos russos que já forçam as portas da sua Fortaleza? (Ano I nº XII, p.4).

Na décima terceira edição com relação à guerra o Noticiário Internacional informava que algumas resoluções da Conferência da Criméia em acordo, que foi divulgado simultaneamente em Washington, Londres e Moscou, aonde Roosevelt, Churchill e Stalin chegaram a um acordo quanto aos planos militares com relação à vitória sobre o inimigo.

Ficou estabelecido que haverá zonas separadas de ocupação no território do Reich, subordinadas a uma Comissão Central composta dos Comandantes Supremos dos Exércitos Aliados e com séde em Berlim. A França será convidada para participar dessa Comissão como 4º membro, se assim o desejar. Resolveu-se desarmar e desmobilizar todas as fôrças militares da Alemanha (...). Não se destruirá o povo alemão, o qual será conduzido a uma vida decente, fora das influências nazi-prussianas (...). E finalmente, resolveram os líderes criar um órgão permanente de segurança que funcionará pelo sistema de consultas entre as Chancelarias das Nações Unidas (Ano I nº XIII, p.1).

Aproximando-se do fim da guerra, noticiava-se sobre o processo de rendição dos inimigos. Na décima quinta edição na seção Noticiário Internacional entre os destaques estava a iminente libertação do norte da Itália. Era informada que aviões jogavam sobre Roma boletins que recomendavam a população da necessidade de um maior esforço para a solução dos problemas enfrentados pelo país, o Chefe do governo italiano em discurso na Piazza del Popolo declarava que a Itália depois do armistício estava colaborando com os Aliados, e por isso, estava eminente a libertação do norte da Itália.

Outro destaque que foi dado tinha relação sobre a Argentina ir à guerra. Segundo a informação que vinha de Buenos Aires o governo argentino considerava hostil a detenção de seus diplomatas em território do Reich. E que por outro lado, as autoridades do Governo alemão afirmavam que os diplomatas da Wilhelmstrasse que foram retirados da capital Argentina, estavam retidos em Lisboa, devido ao governo inglês que estava negando conceder salvo-conduto para que pudessem retornar ao país.

Também se informava que a imprensa carioca havia publicado que o Coronel Lima Brayner, Chefe do Estado Maior do General Mascarenhas de Moraes teceu considerações sobre a situação da FEB na frente italiana, salientando as dificuldades devido ao terreno montanhoso, as condições climáticas e principalmente a um inimigo experimentado:

Advertiu o povo brasileiro contra as insinuações da quinta coluna e de elementos derrotistas, que apregoam estarem os expedicionários vivendo “num mar de rosas”, sem qualquer participação direta no conflito. Adiantou que, até o momento que deixou o front, as tropas da FEB, tinham cumprido as missões que lhes foram confiadas, com êxito que se traduz pelas citações dos comandantes aliados na frente do Mediterraneo (Ano I nº X, p.3).

E o mesmo também foi perguntado sobre o número de baixas de brasileiros no front italiano. Informava que naquele momento os números de mortes estavam em uma média de 7 a 8 %.

As ações dos pracinhas no teatro de guerra italiano foram elogiadas e bastante comentadas. Na décima sétima edição, no texto *A alvorada de Castelo*, de F.S.P, comentava-se a tomada de Monte Castelo, que segundo o autor foi a consequência das intermináveis noites de inverno, das vigílias e da paciência dos soldados brasileiros que enfrentavam o vento que açoitava seus rostos:

Presos aos foxholes os infantes contemplam os picos salpicados de casamatas das quais jorram as saraivadas de balas. Delas protegidos pelas ravinas, cômicos das dificuldades do terreno e das escarpas que desafiavam as escaladas, os alemães faziam uma guerra mais confortavel e mais amena. Porisso o infante olhava com raiva aquele terreno nas longas noites de

inverno e pensava o quanto seria belo para ele e para a divisão galgar a montanha desalojar o inimigo em violentos corpo a corpo e provar que nenhum obstáculo poderia resistir à impetuosidade da raça moça que ele ali representava. Mas o dia chegou. Todos disputavam a honra de conquistar o primeiro objetivo e a sorte coube ao Regimento Sampaio. (...) Castelo é o primeiro sinal de alvorada, é o prêmio das vigílias da grande noite. (...) na lama, na neve e no frio da longa noite hibernal o nosso soldado preparou o novo dia do qual Castelo é o primeiro raio alegre de sol primaveril, do sol das grandes vitórias que virão. (Ano I nº XVII, p.1).

A repercussão das ações brasileiras na imprensa italiana recebeu destaque. Nessa mesma edição no texto *O Brasil e a imprensa italiana*, comentava-se que as vitórias do exército brasileiro tiveram ampla repercussão na imprensa italiana. Citava-se um comentário feito pela *Rádio Firenze* com relação ao Brasil e a presença dos soldados no front. Já no *Corriere del Mattino*, o jornalista florentino Enrico Santani citava a importância da participação brasileira no front italiano e que o Brasil tinha o direito e o dever de fazer parte dos problemas que surgiriam após o fim do conflito.

A décima nona edição apontava também que os feridos da FEB que se encontravam no Hospital Central do Exército, receberam a visita do embaixador da França no Rio de Janeiro, o General François de La-Bergère, um veterano da Primeira Guerra. E também a visita do argentino e ex-deputado Damonte Taborda, que levou conforto e estímulo e salientou o papel desempenhado dos soldados brasileiros na luta contra o fascismo.

Na 18ª Informava-se que a Secretária Geral do Ministério da Guerra, teria tornada pública à relação de baixas verificadas na FEB entre os dias de 01 a 31 de janeiro de 1945. Com 23 mortes e 08 desaparecidos.

O desenvolvimento econômico, militar e tecnológico supostamente atingido pelo Brasil durante a guerra era bastante valorizado pelo CS. A terceira edição apontava para a construção de 2.000 abrigos antiaéreos em todas as cidades do litoral e do interior do país. A Criação de Bibliotecas populares nos locais de maior densidade demográfica da cidade do Rio de Janeiro. Informava-se a ampliação da linha férrea Vitória-Minas, para isso a Companhia do Vale do Rio Doce ia receber um empréstimo de Cr. 5.000.000,00 do Import e Export Bank.

Na quarta edição era possível encontrar notícias sobre uma campanha que iria formar novos paraquedistas. O jornal apontava novamente que o compositor brasileiro Villa-Lobos estava galgando relativo sucesso nos Estados Unidos. Explicava que o carnaval carioca desde que o Brasil tinha entrado na Guerra, a festa tinha perdido totalmente o seu brilho. Informava que a imprensa do Rio de Janeiro havia publicado uma notícia informando que dentro de alguns meses seriam eletrificados mais de quatrocentos quilômetros de estrada de ferro no

Distrito Federal e no estado do Rio de Janeiro. Apontava que uma informação que procedia de São Paulo informava que em Sorocaba seria montada uma fábrica de seda animal, e que este estabelecimento era de iniciativa privada.

Corroborando com a notícia do sucesso de Villa-Lobos encontramos no jornal *Correio da Manhã* na edição de 06 de janeiro de 1945 na nota *Villa Lobos nos EE. UU.* A matéria começa informando que o *New York Times* publicou uma matéria sobre o compositor brasileiro Villa-Lobos que se encontra em Nova Iorque havia três semanas, onde fez apresentação como regente nos Estados Unidos num programa de suas próprias composições orquestrais, executada pela *Werner Jassen Simphony de Los Angeles*. (*Correio da Manhã*, 06 jan.1945, p. 12). Já com relação ao carnaval no jornal *Correio Paulistano* 18 de fevereiro de 1945 *O carnaval está desapontando o carioca*, a matéria informou que o carnaval carioca de 1945 foi um dos mais fracos e que não espalhou o brilho e o entusiasmo que se esperava. Foi possível encontrar o pequeno grupo barulhento, mas com uma pobreza de indumentária carnavalesca pobre:

passou-se o domingo estamos vencendo a segunda-feira e já nos se antecipa a terça-feira com a mesma expectativa de fracasso. Frisamos bem, que a expressão fracasso é usada aqui para acentuar a diferença entre o carnaval de 1945 e o de 1944, que também foi bem fraquinho, efetuando-se, naquele ano, os bailes e outras festas internas (*Correio Paulistano*, 18 fev. 1945, p.5)

A quinta edição informava sobre remessa de 30.000 libras de café que foram enviadas pelo governo brasileiro como presente para as cidades italianas que tinham sido devastadas pela guerra. Informava também que seria entregue em poucos dias ao tráfego, o primeiro trecho de 40 quilômetros da estrada de ferro Trans-brasiliana entre as cidades de Anápolis e Corumbá.

Na sexta edição, destaque para os elogios que foram feitos pelo Cel. Harris Peterson do exército americano para as instalações militares brasileiras, onde foi destacada a Escola militar de Rezende, a Escola Técnica de Aviação de São Paulo e a Vila Militar do Rio Grande do Sul. Também informava que tinha partido de Montreal para o Brasil 6 aviões bimotores que tinham sido adquiridos pelo governo brasileiro, onde eles receberiam ligeiras modificações para serem utilizados no tráfego de passageiros da Companhia Transcontinental de Transportes aéreos.

Na oitava edição informava com relação à economia era anunciado um novo mercado para a borracha brasileira com o governo da Argentina. Apontava também a descoberta de uma grande jazida de Mica em Recife, que possuía uma grande quantidade de minério que a

tornava propícia para satisfazer importantes mercados. Informava que dentro em breve uma agência do Banco do Brasil em Montevideú, Uruguai seria inaugurada.

O jornal também destacou a visita de Edward Stettinius Junior Ministro do Exterior dos Estados Unidos a cidade do Rio de Janeiro, vindo da Conferência da Criméia. Encontrou-se com autoridades brasileiras e seguiu para Petrópolis onde se reuniu com o chefe do governo brasileiro no Palácio do Itaboraí. Depois do encontro foi publicada uma declaração conjunta, onde se revelou que foi entregue ao governo brasileiro os temas da Conferência da Criméia para o seu estudo e apreciação. Também foram discutidos os problemas referentes às relações entre os dois países e a colaboração que o Brasil estaria oferecendo as Nações Unidas e o que podia oferecer no pós-guerra.

Outro destaque foi a notícia da publicação na imprensa londrina com amplos comentários sobre a possibilidade da participação do Brasil na Conferência de São Francisco como líder das repúblicas latino-americanas. O jornal Herald Tribune segundo O Cruzeiro do Sul, expressa a opinião de que o Brasil seja a sexta potência *“naquela importante reunião, formando ao lado dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética, França, China, e que venha ainda a fazer parte do Conselho Permanente de Segurança Mundial, instituído na Conferência de Dumbarton Oaks”* (Ano I n° XVII, p.3)

Em sua décima nona edição, um dos destaques do CS ficou por conta que em notícias oriundas do México, que informavam que o Brasil dentro de poucos dias reataria as relações diplomáticas com a União Soviética. E que o Ministro das Relações Exteriores Leão Velozo iria para Washington, logo terminasse a Conferência dos Chanceleres para concluir os últimos entendimentos, onde os Estados Unidos estavam servindo de intermediário.

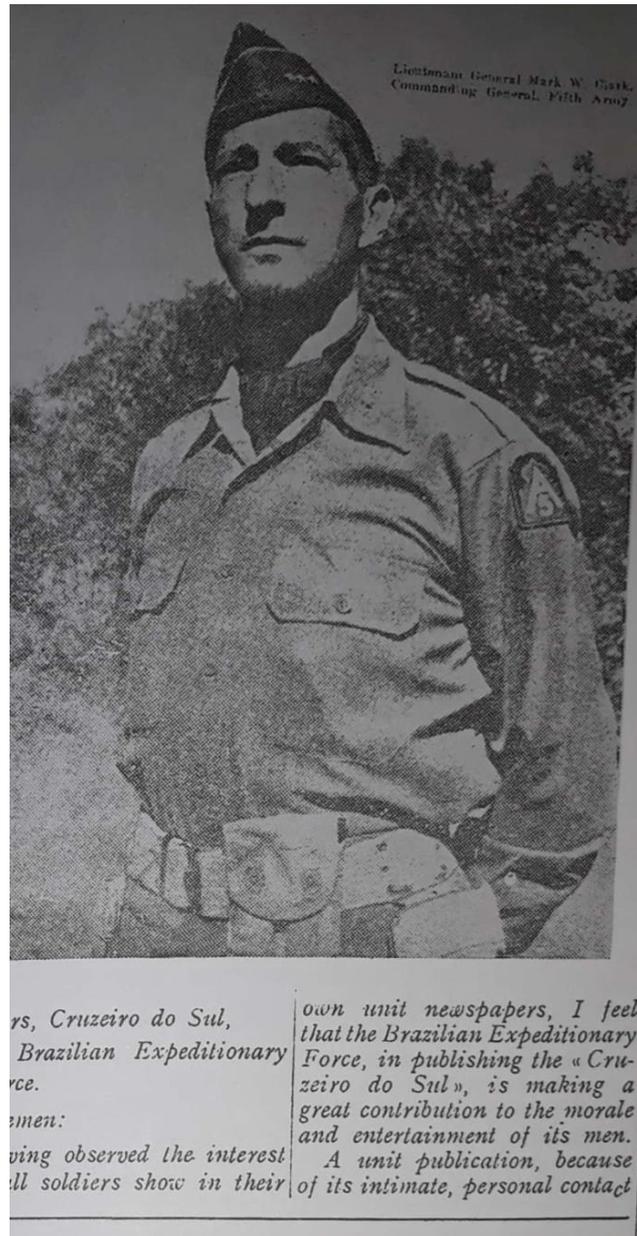
Na seção *Noticiário Internacional*, o CS dava destaque para frente Russa que comunicava que embora as atenções estavam voltas para os avanços as forças russas dentro do território alemão. Era preciso salientar que a grande notícia da guerra no Leste foi a queda de Budapest: *“A importância do acontecimento se reflete nas próprias palavras do Comandante do Exército vermelho. Budapest é considerada por Stalin como ‘importante bastião das defesas alemãs na estrada para Viena’*”Ano I n° XIII, p.4).

Também se informava que em Roma teria sido apresentada ao governo italiano uma denúncia que o café que foi doado pelo Brasil as populações necessitadas. Estava o mesmo sendo vendido no mercado negro a 3.000 libras o quilo, e que em alguns estabelecimentos de café da capital, a taça estava custando 24 libras.

Abordava também que uns grupos de brasileiros que se encontravam em diversos países da Europa estavam sendo repatriados. A grande maioria se destinava para São Paulo e eram procedentes da Itália. Um dos repatriados que estava na Itália declarou que a FEB tinha um elevado espírito de solidariedade e que o General Mascarenhas de Moraes, em suas atitudes demonstrou ser sempre amigo dos civis brasileiros na Itália.

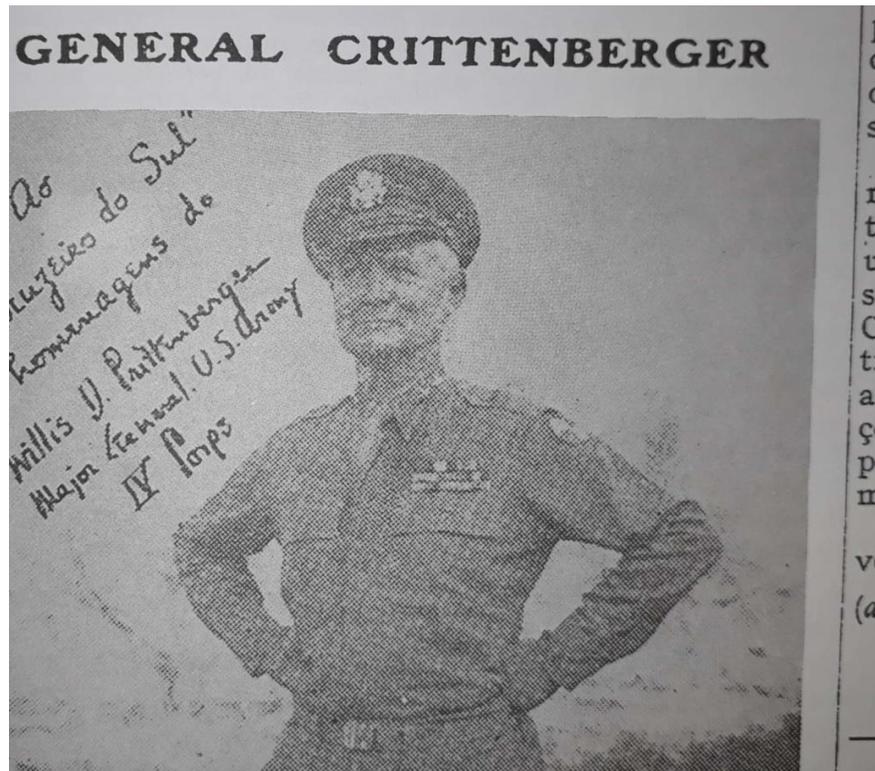
O que ficou exposto a partir desse capítulo demonstra que o periódico O Cruzeiro do Sul, produzido com o intuito de ser um panfleto de campanha da FEB, tinha intenções de apresentar ao combatente brasileiro os principais acontecimentos sobre o desenrolar os últimos meses da grande guerra, educando-o sobre o acontecimento e fazendo o mesmo ao tratar o Brasil, descrito sempre como um país em pleno desenvolvimento econômico, político e social. Ou seja, seus bravos soldados encontrariam um país melhor do que aquele que deixaram, e que suas batalhas não teriam sido em vão. Também é preciso levar em consideração que o CS passava pelo crivo do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Por isso, o jornal que chegava ao seu público alvo: o soldado brasileiro trazia as notícias da guerra com as cores do vermelho do sangue derramado pelos nossos “heróicos” e “destemidos” soldados.

Figura 1 – General Mark Clark



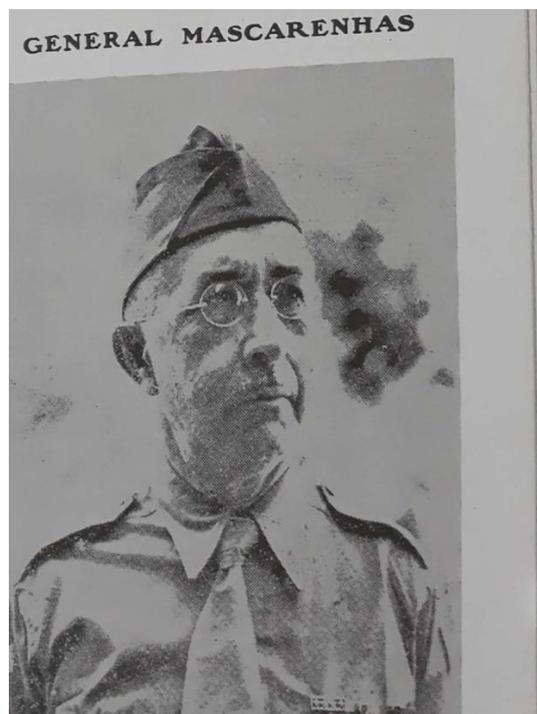
O Cruzeiro do sul, 1ª edição, p.1

Figura 2 – Major General Willis D. Crittenberger



O Cruzeiro do Sul, 1ª edição, p.1

Figura 3 – General João Batista Mascarenhas de Moraes



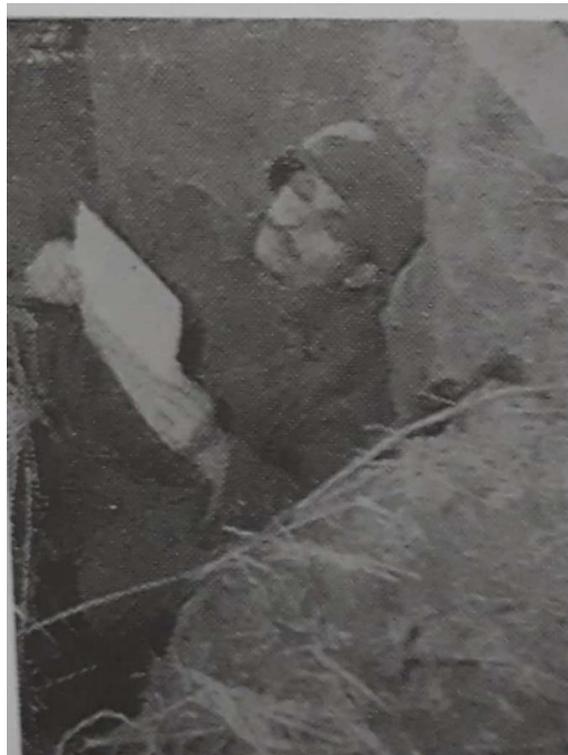
O Cruzeiro do Sul, 1ª edição, p.1

Figura 4 – Comemoração do natal na Itália, 1944



O Cruzeiro do Sul, 1ª edição, p.3

Figura 5 – Serviço postal da FEB



O Cruzeiro do Sul, 2ª edição, p.3

Figura 6- Luta do soldado brasileiro contra o clima

15 de Fevereiro de 1945

A FIBRA BRASILEIRA

Raul Brandão — *Correspondente de guerra do Correio da Manhã*

Um brasileiro, samba!
Dois brasileiros, futebol!
Três brasileiros, Carnaval!
Não, o brasileiro não é isso.
Quando ele chegou na Itália — vamos ser francos — inteiramente ignorado, a primeira coisa que fez foi jogar cigarros para o cais. Napolitanos lutavam aos trancos por um cigarro — e gritavam para ele:
— *Braziliani buoni, tedeschi cattivi*. Depois quando o viram descer a escada do navio, curvado ao peso da bagagem mas preocupado em não largar o violão, é muito possível que os napolitanos o tenham criticado.
Julgado a olho, em comparação com a rigidez massiça do Fritz, de fato, ninguém dá nada por ele...
O seu Brasil está cheio de italianos que prosperam e são felizes.

Não contem com ele para modelo de aprumo militar. Ele, por natureza, é mirrado, desengonçado e quando calha só tem um dente.
O oficial não o subordina ao rigor da disciplina, mas o conquista inteiramente pela maneira de o tratar e o exemplo que lhe dá no combate.
Não penetra no sentido ideológico desta luta.
Porque vê a guerra, faz a guerra, sente a guerra e conhece-a em suas incríveis miserias, repete de ouvir dizer que uma mentalidade nova renoverá, no futuro, a Humanidade.
Na simplicidade de sua grande alma, compreende-se o que ele quer dizer mas o que se percebe vindo do coração é o desejo imenso de continuar cada vez mais brasileiro, de viver e de morrer pelo Brasil.



CONC
O
bora
opera
front
ceou
vos e
vez o
vura
liar
tecm
O
a vor
sinte
em s
tenh
tesco
trave
man
tamb
tro
O
com
conh
num
loro
cess
A)
mad
min
den
gir
la q
tre
arnu
enve
ção
mes
o re
tiliz
B)
pon
mcl
to n

Figura 7 – O motorista da FEB



O Cruzeiro do Sul, 24ª edição, p.1

Figura 8 – PM brasileiro ensinando o caminho para soldado norte-americano



O Cruzeiro do Sul, 10ª edição, p.1

Figura 9 – A neve e o Pracinha



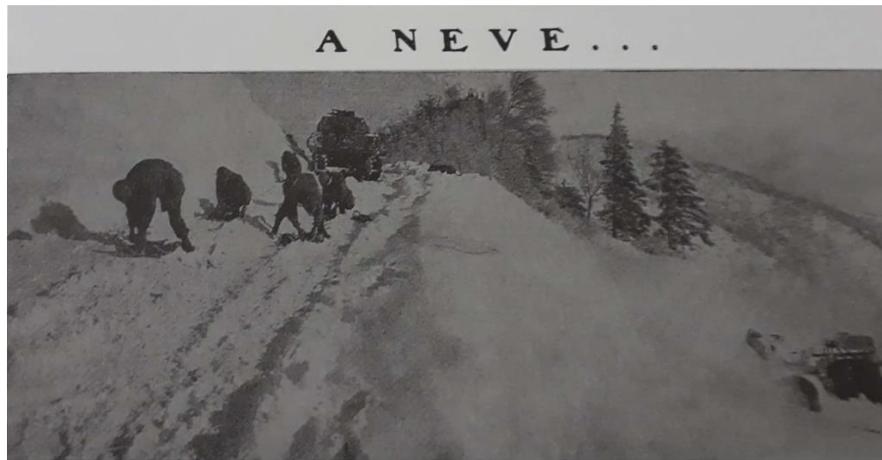
O Cruzeiro do sul, 3ª edição, p.2

Figura 10 – Comandante da Infantaria Divisória da FEB, General Zenobio da Costa



O Cruzeiro do Sul, 4ª edição, p.1

Figura 11- A mesma neve para os homens e caminhões de suprimentos



O Cruzeiro do Sul, 9ª edição, p.1

Figura 12 – O General Mark Clark entregando a medalha Estrela de Bronze para o Capitão Ernani Airosa da Silva



O Cruzeiro do Sul, 12ª edição, p.1

Figura 13– Sargento Nilo de Moraes



O Cruzeiro do Sul, 5ª edição, p.2

Figura 14 – Soldado construindo o caminho na lama



Figura 15 – Visita do General Mark Clark ao quartel da FEB



O Cruzeiro do Sul, 26ª edição, p.1

Figura 16 – Charge sem autoria



“O pracinha – Que negócio é esse? Tu também é ‘Vasco’?”. O Cruzeiro do Sul, 19ª edição, p. 3

Figura 17– Soldado brasileiro lendo sua carta



O Cruzeiro do Sul, 2ª edição, p.1

Figura 18 – Os homens das transmissões da FEB



O Cruzeiro do Sul, 17ª edição, p.1

Figura 19 – O sono do Artilheiro



O Cruzeiro do Sul, 14ª edição, p.3

Figura 20 – Cabo Adão Rosa da Rocha. Resposta do Brasil aos panfletos dos alemães



Figura 21 - - Nota traduzida da mensagem de Mark Clark sobre a Medalha de Prata dada ao cabo Marcílio Luiz Pinto por ação em combate

Saúde
de Saúde, com os seus
os de execução o Batalhão
Destacamentos Regimen-

que prossigam nessa ativi-
e, é o único desejo do Co-
adante da F.E.B., pois é
o que também esse será o
co meio de podermos to-
em dias que não estão lon-
derrotando o alemão, —
sa razão de ser néstas pla-
— voltar a vêr, em terri-
o Pátrio, a « Verdura sem
das nossas matas e o
lendor do Cruzeiro do
».

Baptista Mascarenhas de Moraes
Gen. Div. Cmt. 1ª D. I. E.

«conhecimento» e «devida exe-
ção» nele se publicou um elo-
nte e publico agradecimento dos
s colegas do Batalhão de Sau-
.. «Deve-se dizer, com perfeita
priedade, que uma boa parte
sucesso alcançado com o efi-
inte sistema de evacuações de
ssos feridos nos combates em
e nos empenhamos se deve à
esteza e perfeição com que são
endidos os pedidos de melhora-
mentos de estradas empregadas para
uella finalidade. Pontes lançadas
a tempo minimo têm reduzido
andamente o tempo de evacuação,
minando o transbordo dum meio
transporte para outro. Viaturas
Saúde têm, constantemente, sido
primeiras a rodarem por pontes
ovas, logo após a última tabua
r sido colocada. Reafirmo com
tisfação, que o 9º B.E. tornou-se
redor da justa gratidão deste Ser-
gão, o qual lhe deve uma conside-
avel parte do sucesso de seu fun-
ionamento...»

Esse agradecimento terá sido um
os maiores premios a que pode-
iam aspirar esses incansaveis cons-
rutores e restauradores das linhas
le frente, porque isso veio lembrar-
hes que, graças ao seu trabalho,
os seus amigos e camaradas feridos
em ação podem ser mais confor-
avelmente transportados nessas am-
(Cont. na 3ª pag.)

vo do Exército, todos os civis vo-
lidos de 16 a 60 anos, sendo tra-
tados como desertores aqueles que
não se apresentarem nas juntas
de alistamento.

**Radescu asilado
na Embaixada Britanica**

Informa-se de Bucarest que o
ex-chefe de governo da Rumania,
General Radescu, há pouco demitido,
asilou-se na Embaixada Britanica
daquella Capital, em vista
do crescente odio popular contra
sua pessoa. O Ministerio das Re-
lações Exteriores da Grã-Bretanha

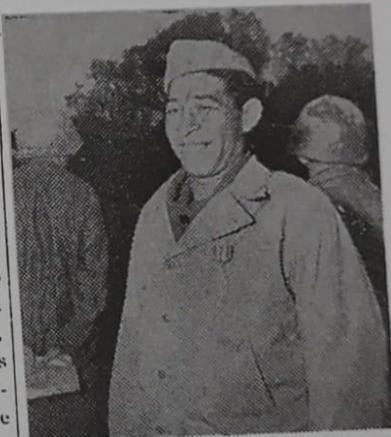
respectivos governos, lamentando
nao terem sido convidados para
participar na Conferencia de São
Francisco, apesar de terem decla-
rado guerra ao Eixo antes do dia
1º de março.

Negrin permanecerá na França

O antigo pilítico democrata espa-
nhol, Sr. Juan Negrin, que está
coordenando elementos para derru-
bar o governo de Franco, adiou sua
partida para o México, anunciando
que permanecerá ainda por algum
tempo na França.

**“SILVER STAR”
para um heroi brasileiro**

Publicamos abaixo a citação para
Medalha «Silver Star» (Estrela de
Prata) concedida pelo Comando
Norte-Americano ao Cabo Marcílio
Luiz Pinto, por ação distinta em
combate. Simultaneamente *O Cru-
zeiro do Sul* tem o prazer de, regis-
trando aquella citação do General
Mark W. Clark, estampar a fotogra-
fia do nosso bravo camarada que
aparece ostentando, com justificado
orgulho, a Medalha com que viu
premiada a sua conduta audaz,
exemplo para todos os que, vindos
do Brasil, aqui se empenham e re-
afirmam as tradições de agressividade
e heroismo dos nossos soldados.



« Marcílio Luiz Pinto, Cabo, Força Expedicionaria Brasileira. — Por
bravura em ação, em oito de novembro de 1944, na Italia.
Quando membro de uma patrulha em missão de reconhecimento nas vi-
zinhanças do Monte de Torre de Nerone, Italia, o Cabo Pinto participou
de um ataque de surpresa a uma posição inimiga. Sem preocupar-se com sua
segurança pessoal, avançou sobre um ponto forte inimigo e capturou varios
prisioneiros bem como o seu respectivo equipamento.
Demonstrando sangue frio sob o fogo, o Cabo Pinto fez recuar uma patru-
lha que tentou libertar os prisioneiros e durante a ação matou varios inimigos.
Com outros membros da patrulha trouxe os prisioneiros e o equipamento
capturado para as linhas amigas.
O Cabo Pinto, pela sua ação de bravura reflete a confiança em si proprio
e está de acordo com as altas tradições dos Exercitos Aliados.»
a) **Mark W. Clark**, Ten. General
do Exército dos Estados Unidos
Comandante.

Figura 22 - – Comandante da Artilharia Divisionária da FEB



O Cruzeiro do Sul, 5ª edição, p.1

Figura 23 - Enfermeiras brasileiras embarcando para a Itália



O Cruzeiro do Sul, 4ª edição, p.2

Figura 24 - – Soldados de Engenharia Brasileira construindo uma ponte



O Cruzeiro do Sul, 14ª edição, p.1

Figura 25 – Engenharia da FEB preparando a estrada para o ataque



O Cruzeiro do Sul, 25ª edição, p.2

3. O JORNAL, OS PRACINHAS E A GUERRA: REPRESENTAÇÕES NO CRUZEIRO DO SUL

Neste capítulo apresentamos análises sobre representações do jornal *O Cruzeiro do Sul* para os personagens centrais de qualquer conflito bélico: os soldados. Sendo assim, como os soldados foram representados pelo periódico brasileiro? Quais os valores ele ressaltou? Quais ideias defendeu com o uso de representações dos soldados? E quais imagens dos soldados apareceram no periódico? Procuramos identificar como os soldados apareceram nas chamadas do CS. Se era um jornal voltado para os pracinhas, eles foram mesmo a maioria em suas páginas? Foram mesmo o destaque? E, ao apresentar modelos a serem seguidos, o jornal ensinava aos soldados? A maioria das imagens constantes no jornal eram fotos. No total escolhemos 46 imagens, sendo dessas uma charge.

A princípio, podemos afirmar que os soldados foram representados pelo CS como verdadeiros heróis, destemidos que não vacilavam para enfrentar o seu principal inimigo: o alemão. Ainda que encontrassem na Itália o terreno e o clima que não facilitavam sua locomoção. O periódico fazia questão de exaltar essas dificuldades, que tornavam esses soldados mais corajosos e fortes para o conflito.

Vale ressaltar, como informa o historiador Cesar Campiani Maximiano no texto *Neve, fogo e montanhas: a experiência brasileira de combate na Itália (1944-45)*, contido no livro *Nova História Militar Brasileira*, organizado por Celso Castro, Vitor Ilecksohn e Hendrik Kraay (2004), que há uma tendência no Brasil em apresentar a Força Expedicionária Brasileira em um papel de coadjuvante em sua participação na Segunda Guerra Mundial:

Que teria se envolvido apenas marginalmente nos eventos que delinearam os rumos do planeta até as últimas décadas do século XX. Embora os participantes tenham passado por uma situação extremamente intensa e no limite do suportável, ao contrário dos veteranos de outras nações beligerantes, sua experiência de combate não ecoou na sociedade de seu país de origem (MAXIMIANO, 2004, P.344).

Obviamente a FEB foi apresentada nas páginas do *O Cruzeiro do Sul*, não como de um papel secundário e sim como de papel principal. Se décadas depois os brasileiros pouco conhecem ou se interessam pela participação brasileira, é possível imaginar com esses soldados eram vistos pela população brasileira entre 1944 e 1945. Daí *O Cruzeiro do Sul* enaltecer a coragem desses homens. Daí representá-los como heróis.

3.1. SOLDADOS, HERÓIS

Apesar da FEB ter começado a atuar em meados de setembro de 1944, totalizando segundo Maximiano (2004) 239 dias de ação contínua de frente, foi uma das Unidades Aliadas que mais tempo permaneceram em emprego contínuo. É importante salientar que a FEB foi a única força de combate da América Latina no continente europeu. Nessa parte apresentamos um pouco das dificuldades enfrentadas por esses homens no maior conflito bélico da humanidade.

Um exemplo da dificuldade na neve pode ser encontrado na terceira edição, com data de 10 de janeiro de 1945. Na segunda página, havia foto de dois soldados na neve, na reportagem *A neve e o Pracinha*, de Joel Silveira: *“Não importa que a neve caia. O soldado brasileiro está sempre em seu posto”*. Nessa imagem fica explícito que a reportagem pretendia evidenciar toda a dificuldade enfrentada pelos pracinhas e que, apesar disso, eles eram tenazes e vitoriosos. Também reforçava que todas essas dificuldades fortaleciam esses homens perante o conflito.

Essa dificuldade também era valorizada pelo comando geral da FEB, como demonstrado na edição de 14 de janeiro de 1945, em sua primeira página. Temos a foto do Comandante da Infantaria Divisionária da FEB, General Zenóbio da Costa, uniformizado e falando para os seus comandados. O jornal ressalta mais uma vez a importância da adaptação do soldado brasileiro ao frio e de sua resistência física. Nessa imagem, contraditoriamente, apesar de se encontrar a foto do General Zenóbio, o destaque era para a importância desses pracinhas, que eram considerados essenciais para a vitória no conflito. Com isso, a FEB sugeria a ideia que o seu comando estava feliz e orgulhoso da participação de seus soldados na frente italiana.

Para atuar no conflito, foi criada a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária comandada pelo General João Batista Mascarenhas de Moraes. O seu contingente provinha das regiões Sul e Sudeste, devido às melhores condições sanitárias dessas regiões. Posteriormente, por causa das transferências e evasão de praças e oficiais, os padrões de inspeção foram relaxados. Os soldados enviados *“havia nascido principalmente entre os anos de 1919 e 1925, contando entre 19 e 25 anos de idade ao seguirem para a Europa. Gente das camadas médias e mais privilegiadas da sociedade primou pela ausência nas fileiras da FEB”* (MAXIMIANO, 2004, P.347).

Essa relação com o terreno, o clima e toda dificuldade na frente italiana tinha que chegar aos brasileiros e familiares desses soldados. Por isso, na edição de 17 de janeiro de 1945, na primeira página, havia a imagem do Comandante da Artilharia Divisionária da FEB, o General Osvaldo Cordeiro de Farias, uniformizado. Falando para o Brasil, mais uma vez eram ressaltados o solo e o clima, e que o pracinha estava desempenhando um ótimo serviço. O jornal trabalhava a ideia de que o soldado brasileiro era um comandado orgulhoso, e os brasileiros e os familiares também estavam sabendo de seus feitos.

Apesar desse orgulho do comando da FEB com os seus soldados, o processo para alistar esses homens não foi fácil. Uma vez que os brasileiros não queriam participar do conflito, principalmente os jovens das classes privilegiadas. O recurso utilizado por esses jovens ricos para não irem para a guerra foi o apadrinhamento. Sendo que os recursos escusos não ficaram restrito aos praças, os oficiais da ativa também utilizaram subterfúgios para conseguir transferências para unidades não expedicionárias. É preciso salientar, portanto, que o maior número de combatentes da FEB foi formado pelo cidadão comum, “sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior” (Carlos Belchior, 1976), que foi transformada em soldados para lutar pela pátria. O termo “pracinha” foi utilizado para os praças e oficiais subalternos da Força Expedicionária Brasileira.

Temos outro exemplo de dificuldade na edição de 01 de fevereiro de 1945, na qual apareciam soldados e caminhões de suprimento, com destaque para os pracinhas retirando a neve do caminho. Na legenda: “*é a mesma para os homens das patrulhas e para os caminhões de suprimentos*”, a imagem representa o esforço dos pracinhas para que os caminhões de suprimentos chegassem ao seu destino. Ou seja, sem os esforços desses homens os equipamentos e os suprimentos não chegariam ao local adequado.

Em suas páginas o jornal também exaltava os feitos desses homens e as condecorações que recebiam por valentia em combate. É importante observar que “os feitos” em combate em sua grande maioria resultavam na morte desses soldados. *O Cruzeiro do Sul* destacava esses feitos chamados “heroicos” para que os outros pracinhas sentissem que os seus companheiros não seriam esquecidos e, principalmente sugerindo que eles estavam lutando com pessoas capazes de morrer por sua pátria e vencer o inimigo, custasse o que custasse. É importante ressaltar que essas matérias não estavam na primeira página. A exceção foi a condecoração do capitão Ernani Aiorosa da Silva da 1ª D.I. E, mas aí há um detalhe: ele não estava sozinho, sendo acompanhado pela presença do general norte-americano Mark Clark.

Na edição de 10 de janeiro de 1945, o jornal ressaltava o feito do Sargento Nilo de Moraes Pinheiro. Por isso, na segunda página, encontrava-se uma foto sua trajando uniforme. Ele participou do primeiro número de *O Cruzeiro do Sul* em uma colaboração vívida, agora o periódico fazia uma entrevista para que ele falasse sobre os acontecimentos que culminaram na morte de um tedesco e na captura de mais três, sendo um deste um sub-oficial. Um dos prisioneiros cedeu sua foto, que se encontra no periódico. A matéria informa que o sargento era estudante em Minas Gerais, natural de Ipanema, de cabelos loiros e sereno. Com essas duas imagens o CS demonstra que os feitos de seus soldados tinham importância e que seriam mostrados em suas páginas.

Meses depois, na vigésima segunda edição, de 18 de março de 1945, o mesmo Sargento Nilo de Moraes Pinheiro aparece mais uma vez no *Cruzeiro do Sul*. Na quarta página encontra-se uma foto sua, mas agora o motivo não é de alegria: ele foi morto em combate. Faleceu em decorrência de estilhaços de uma granada. Mais uma vez, o soldado brasileiro morreu bravamente.

Outra morte com heroísmo se encontrava na décima oitava edição, de 04 de março de 1945. Na terceira página, encontramos a foto do Sub-tenente Francisco Hierro, morto no desabamento do prédio em que funcionava o posto avançado do Serviço especial, atingido por uma granada. Com essa homenagem a FEB demonstrava que os feitos de seus heróis seriam reconhecidos e mostrados nas páginas, suas mortes não seriam em vão, era uma luta contra o seu maior inimigo. Nota-se que a homenagem em suas notas não era dedicada a qualquer soldado raso. Será que nenhum pracinha morreu em ato de heroísmo? Somente tenentes e outros oficiais morreram pela pátria?

Nova morte heróica mostrada pelo periódico encontrava-se na vigésima sétima edição, de 12 de abril de 1945. Na segunda página temos a foto do Tenente Godofredo Cerqueira Leite, morto em combate. Apesar de ter a estatura mediana, Leite era ágil e vivo em seus movimentos. Era jovem, de cor morena clara, casado recentemente e pai de um filho que não conheceu. A matéria informava também que o Tenente Godofredo, antes do ataque a Castelo, veio ao hospital, e mesmo se recuperando decidiu ir ao combate, onde veio a falecer. Ou seja, mesmo não estando em perfeito estado de saúde o tenente decidiu não abandonar a luta, evidenciando que a FEB tinha em seus membros verdadeiros heróis, que estavam dispostos a dar a vida, do que ficar em uma cama vendo os seus companheiros lutarem. Mais uma vez, a FEB passava a imagem que os seus homens tinham brios e não estavam dispostos a abandonar o conflito, mesmo doentes.

Já na edição de 11 de fevereiro de 1945, ao abordar a condecoração do capitão Ernani Aiorosa da Silva, da 1ª D.I. E, com a Medalha Estrela de Bronze, concedida pelo seu heroísmo em ação durante a ocupação de Camaiore, Itália, o jornal retratava suas excepcionais qualidades de chefe, alguém que ocultou os seus ferimentos para continuar a comandar sua companhia “*sua conduta reflete as altas tradições do Exército Brasileiro*”. Com essa imagem a FEB lembrava que as condutas heróicas de seus oficiais seriam mostradas no CS. Com isso, sutilmente também encorajava aos outros soldados a mostrarem mais dedicação à pátria, sabendo que os seus feitos seriam reconhecidos. O jornal insinuava também que o ato de um só homem representava todo o Exército Brasileiro, ou seja, eles não estavam lutando para benefício próprio, e sim em nome de uma nação e um valoroso exército.

A participação na Campanha da Itália representou para milhares de jovens o contato com os elementos característicos dos conflitos modernos como: bombardeios estratégicos, granadas de fósforo branco, bombas de gasolina etc. (MAXIMIANO, 2004). Isso com certeza acarretou graves consequências para o cotidiano familiar e social desses jovens, lembrando que em sua grande maioria eram cidadãos que foram transformados em soldados para defender a pátria ultrajada. Sem o devido preparo emocional e militar para o conflito. O mais agravante é que poucos estudos são dedicados à FEB⁷ voltados para a importância desses cidadãos-soldados que enfrentaram todas as intempéries de um grande conflito, e são renegados à indiferença historiográfica.

Na dissertação *Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – Seção Regional de Mato Grosso do Sul – ANVFEB-MS: identidades, memórias e patrimônio cultural (1980-1990)* Márcio Aparecido Pinheiro da Silva enfatiza o despreparo do exército brasileiro e que esses jovens nunca tinham saído do país e lutado alguma grande batalha:

nunca haviam saído do país e sequer visto neve ou escalado algo mais alto que uma colina. Havia um número reduzido de militares de carreira, que já haviam participado de algum tipo de combate, por exemplo, os poucos Oficiais da Reserva – R2, que participaram do combate contra o movimento conhecido, como a “Intentona Comunista” de 1935 que, naquele contexto da história do Brasil, não foi marcado por combates ferozes e sangrentos, pois

⁷ Encontramos alguns trabalhos que se dedicaram aos pracinhas: *Memórias da Segunda Guerra: a trajetória da FEB na 2ª Guerra Mundial*, de Ketrin Daiana Mocelin (2009); *A cobra fumou na Itália: os alicerces do cotidiano dos pracinhas brasileiros no front*, de Anysio Henrique Neto (2009); *Mestre pracinha e a guerra: a ação dos brasileiros no teatro de operações na Itália*, de Bruno Camacho (2015); *A atuação da Força Expedicionária Brasileira nas páginas do jornal O Cruzeiro do Sul*, de Mario Clovis Aleixo (2013); *Pracinhas Sergipanos na Segunda Guerra Mundial (1942-1945)*, de Marlíbia Raquel de Oliveira (2013)

se caracterizou por conflitos internos do próprio Exército Brasileiro contra as influências do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na formação ideológica dos soldados e sargentos. (SILVA, 2014, p. 32-3)

No tópico anterior abordamos como a FEB transformou os seus soldados em heróis e como o processo de sua formação não foi algo fácil. Agora vamos discorrer a relação entre os soldados e os Generais nas páginas de seu jornal.

3.2. SOLDADOS, GENERAIS

Nas imagens das primeiras páginas do CS encontram-se fotos de seus comandantes e do que consideramos como as engrenagens que formam a FEB. Como exemplo na primeira edição de 03 de janeiro de 1945, na primeira página temos as imagens: do General Mark Clark (EUA), Major General Willis D. Crittberg (EUA) e General Mascarenhas (Brasil). Nessa imagem os três Generais estavam uniformizados, os três estavam falando ao *O Cruzeiro do Sul*, ou seja, aos seus leitores. Essa imagem representava a importância que o periódico sugeria sobre si mesmo aos seus soldados. Também transmitia a ideia que sua leitura era útil e necessária.

Na edição de 10 de janeiro de 1945 temos na primeira página a foto do General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra do Brasil, e do Chefe do Estado Maior do Exército americano, General George C. Marshall. As imagens estão no contexto da mensagem do Presidente dos Estados Unidos, que comentava sobre a participação da frente italiana que com toda dificuldade, com o terreno e o clima adversos, estava logrando vitórias com a participação da FEB. A imagem do chefe do Exército americano lado a lado com o Ministro da Guerra do Brasil, sugeria que o Brasil caminhava ao lado de um país poderoso no contexto da Guerra. Na segunda página encontrava-se a foto de enfermeiras brasileiras uniformizadas sorrindo em embarque para a Guerra. Na legenda informava-se que com esse mesmo sorriso elas cuidavam dos soldados brasileiros. Essa imagem reforçava a importância do serviço médico e que os soldados no conflito não precisam se preocupar, pois estavam em boas mãos e seriam bem cuidados.

É importante salientar, a FEB embarcou para Itália com descrédito, falta de apoio do Ministro da Guerra e do Estado-Maior do Exército e com um contingente de 25.334 combatentes, dividida em quatro escalões. No dia 01 de julho de 1944, o primeiro escalão com os primeiros cinco mil soldados (6º Regimento de Infantaria) embarcou no navio

americano General Mann, desembarcando em Nápoles no dia 16 de julho. O segundo e terceiro embarcaram em 22 de setembro, desembarcando no dia 06 de outubro. E o último escalão, com o pessoal destinado ao depósito de pessoal da FEB, embarcou no dia 08 de fevereiro e chegou, em 22 de fevereiro de 1945. Entre 10 a 15 mil participaram ativamente do conflito: “*assim, de setembro de 1944 até o início de maio de 1945, uma parcela da juventude brasileira conheceu intimamente o cotidiano de horror que assolava a Europa*” (MAXIMIANO, 2004, P.358).

Para Coronel Luís Paulo Macedo Carvalho em texto contido na Revista Militar do ano de 2005 com o título *Consequências e Reflexos da Participação da FEB na Segunda Guerra Mundial*, a aliança entre o Brasil e os Estados Unidos no período de 1937- 1945, é considerada como enganosa, porque a política de ambos os países era de conveniência ou de fachada, onde cada qual defendia os seus interesses. Os Estados Unidos estavam buscando a americanização do Brasil para neutralizar a influência da Alemanha, e o Brasil buscava com essa aproximação com os Aliados armar-se perante a hipótese de uma invasão da Argentina, e principalmente garantir uma política desenvolvimentista:

Os brasileiros, por outro lado, concluíram que só a sua participação ombro a ombro com os norte-americanos nos campos de batalha lhes asseguraria as vantagens almejadas pelo Governo e uma posição respeitada após a guerra. A contribuição prestada pelo Brasil na luta em defesa dos ideais de liberdade, por mais modesta que fosse, mereceria o respeito no concerto das nações e permitiria a concretização do sonho de vir a ser uma potência. (CARVALHO, 2005, p. 2).

Para Carvalho a participação da FEB na campanha da Itália trouxe importantes reflexos nas forças armadas brasileiras. Como, por exemplo, a imagem do militar brasileiro cresceu no contexto da sociedade, e o soldado brasileiro recuperou sua autoestima nos campos de batalha em defesa da pátria. O exército brasileiro se reestruturou, adquiriu equipamentos modernos, canhões antiaéreos e de maior alcance, também aumentou sua capacidade de fogo e mobilidade:

Antes da Guerra, a imagem do Brasil era a de um país continental subdesenvolvido, inexpressivo, fonte inesgotável de matérias-primas, foco da ambição internacional. A FEB projetou o Brasil no exterior sobremaneira, segundo palavras do Ministro das Relações Exteriores Vasco Leitão da Cunha. (CARVALHO, 2005, p. 6)

Outro General presente no periódico apareceu na edição, de 21 de janeiro de 1945. Temos na segunda página a imagem do General Sampaio, Patrono da Infantaria,

comemorando 36 anos de um dos Regimentos da Infantaria da FEB. Nessa imagem podemos ler que o "exército febian", mais novo, gostava de comemorar os feitos do exército brasileiro, de longa tradição.

Outro exemplo da importância que o comando tinha com os acontecimentos e vitórias no conflito, também era apontado na imagem do seu comandante. Como podemos encontrar na edição de 25 de fevereiro de 1945. Na primeira página, havia a foto do General Mascarenhas de Moraes ressaltando a importância da conquista do Monte Castelo. O que chama atenção: não havia a imagem de nenhum outro General ou soldado? Com isso, o periódico construía a mensagem que a vitória foi possível devido aos esforços do seu comandante.

Corroborando essa vitória temos, na edição de 08 de março de 1945, na primeira página, a foto do Major General Willis D. Crittenberg, comandante do IV Corpo do Exército, dando declaração ao Cruzeiro do Sul sobre a vitória do Monte Castelo. Mais uma vez, o periódico demonstrava a importância da FEB para a vitória dos Aliados com as declarações do comandante do Exército norte-americano. Na terceira página dessa mesma edição encontramos uma charge sem autoria onde o soldado brasileiro encontrava com o alemão e fazia a seguinte pergunta: "*Que negócio é esse? Tu também é vasco*"? O soldado brasileiro acha a medalha da Cruz de Ferro parecida com a cruz de malta do Vasco da Gama, time de futebol do Rio de Janeiro. A charge tentava fazer graça com a semelhança entre a condecoração nazista e a cruz de malta. Com isso, a FEB corroborava para a necessidade de utilizar o humor, e a descontração para aliviar as dificuldades decorrentes do conflito.

3.3. ENGRENAGENS, SOLDADOS

Sobre as engrenagens que formam a FEB, temos na edição de 18 de fevereiro de 1945, na primeira página, a foto de um soldado brasileiro sorrindo, removendo lama para criar caminhos onde passariam os caminhões de suprimento, na outra foto os soldados da engenharia brasileira construindo uma ponte. As duas imagens mostravam todo o esforço de uma das engrenagens da FEB, a sua Engenharia que, apesar de como informava a matéria, muitas vezes realizava suas missões sob o fogo do inimigo.

Na edição de 07 de janeiro de 1945, temos na primeira página a imagem de dois soldados no Fox Hole (um buraco cavado no gelo), lendo suas cartas. Na legenda: "*Tedesco*

que espere – chegou o correio”, numa imagem através da qual a FEB demonstrava que apesar de todas as dificuldades, o serviço de Correios funcionava, outra engrenagem da FEB. Também na edição de 29 de abril de 1945, na primeira página, encontramos a foto de um soldado lendo sua carta, mais uma vez representando o Serviço Postal da FEB. Mostrando para os seus soldados que as palavras de seus familiares chegavam para os mesmos, e que eles, apesar de todos os contratempos, encontravam o momento para o alento de seus familiares. Na segunda página se encontrava uma foto de alguns soldados em um acampamento comemorando o primeiro aniversário do Grupo de Artilharia do Tenente Coronel Sousa Carvalho. Na legenda: *“Uma peça em posição”*, nessa imagem ficava a mensagem na importância de cada engrenagem da FEB, ou seja, mais uma peça que em conjunto poderia torná-la melhor e mais eficiente. Também com isso, comemorando o aniversário de sua Artilharia, a FEB demonstrava toda a sua consideração, respeito e que nenhuma data com respeito a sua chegada a Itália seria esquecida.

Na edição de 15 de fevereiro de 1945, temos a foto de um capitão entre aviões e carros, e em uma segunda foto temos cavalariáns da FEB. Essas imagens mostravam, mais uma vez, a engrenagem da FEB, a sua Cavalaria e suas armas. Na segunda página puseram a foto de soldados com um cavalo carregando equipamentos em meio à neve. E a seguinte legenda: *“a consciência do dever desperta energias no soldado brasileiro, para lutar contra o clima e contra o inimigo”*. Com o título da matéria *A Fibra Brasileira* de Raul Brandão, em meio à neve e toda a dificuldade do cavalo em caminhar nesse terreno, o soldado brasileiro continuava a sua luta para derrotar o seu inimigo. O jornal destacava toda a sua tenacidade para enfrentar as dificuldades perante o terreno e o clima italianos. Nessa mesma página também encontramos a foto de um soldado dormindo em um local improvisado depois de um dia de luta. Como informava a legenda *O sono do Artilheiro*, mostrando que o descanso era necessário e, mais importante, que ele estava resguardado pelos os seus amigos, uma vez que algum companheiro tirou a foto.

Na décima sétima edição de 01 de março de 1945, na primeira página, temos a imagem de soldados da transmissão da FEB, mais uma parte da engrenagem do grupo. Como informava a nota do comandante da FEB, ele não deixou de transmitir suas ordens ou de receber as informações de seus subordinados fosse de dia ou de noite, em situações calmas ou em combate, devido à atuação daqueles homens.

E na edição de 11 de março de 1945, na primeira página, estava a foto do serviço de saúde da FEB, os homens da saúde, eram mais uma peça da FEB. O registro destacava todo o

empenho desses militares, quer em combate ou em calmaria. Nessa mesma página também havia a foto do Cabo Marcilio Luiz Pinto com a Medalha Estrela de Prata concedida pelo comando norte-americano por ação de bravura, em 08 de novembro de 1944. O periódico mais uma vez, mostrava como os integrantes da FEB eram valorosos e os seus méritos seriam reconhecidos.

3.4. SOLDADOS, TRABALHOS

Na edição de 15 de março de 1945, na primeira página temos a foto do Serviço de Intendência da FEB, onde o Capitão intendente tratava do abastecimento da FEB, componente importante para o bom funcionamento das tropas em combate.

A edição de 18 de março de 1945, destacava o Serviço Religioso depois da missa, outra importante engrenagem da FEB. Algo que mostrava que a fé poderia ser um ótimo remédio ou paz para as dificuldades enfrentadas pela tropa em combate.

Na edição de 22 de março de 1945 encontramos a foto da Polícia Militar da FEB. Ela representa a autoridade no Comando nas horas de serviço, seja de dia ou de noite na sua responsabilidade de manter a ordem dentro do setor da divisão. A matéria informava que ao longo das estradas havia sempre um policial militar para orientar e fiscalizar o tráfego, eles também eram responsáveis pela guarda dos prisioneiros.

Na edição de 01 de abril de 1945 encontramos a foto de um soldado dirigindo seu jipe em uma estrada italiana, num trabalho que representava todos motoristas da FEB. Como informava a matéria, esses bravos motoristas circulavam pelas estradas italianas em dois sentidos, onde transportavam os meios de vida e de combate para as unidades da FEB. Na segunda página da mesma edição, a foto do primeiro soldado expedicionário que recebeu um disco do Brasil com a voz de sua noiva, ouvindo com os amigos o que ela falava do país. Já na edição, de 12 de abril de 1945, encontramos na primeira página a foto de uma peça de artilharia que seria examinada, pelo Serviço de Material Bélico da FEB, outra de suas estratégicas engrenagens.

Também encontramos imagens de momentos de descontração entre os febianos, como na primeira edição de 03 de janeiro de 1945. Na terceira página, havia a imagem do jantar de natal de 1944, onde quem estava presente na hora do jantar teve uma festa brasileira à sombra de árvore enfeitada com luzes. Essa imagem representava a ideia de camaradagem e de que, apesar de estar em um conflito, era necessário um tempo para o lazer. Era preciso acima de

tudo, manter a união. Na legenda da foto: *“O aspeto era europeu, mas o ambiente era brasileiro. O nosso clichê dá uma idéia da reunião”*.

Outro exemplo de descontração apareceu na edição de 11 de fevereiro. Na segunda página encontramos duas fotos de um show organizado pelo Major Reynaldo Saldanha da Gama. Na primeira foto se encontram o Sargento Francisco de Assis Bezerra de Menezes e o soldado João Malaguêta em um número cômico, na segunda foto o Sargento Adio Novak e o soldado Raul Castilho um número de acrobacia. Essas imagens passavam a ideia de que a FEB se preocupava com os seus soldados, mostrando que era necessário e importante o lazer para manter os seus comandados em uma boa saúde mental.

O periódico também mostrava toda a união que existia entre o Brasil e os Estados Unidos da América. Para tanto, temos os seguintes exemplos: na edição de 24 de janeiro de 1945, na segunda página, encontramos a foto do General Mark Clark cumprimentando um dos oficiais médicos brasileiros. A imagem foi utilizada para comemorar um ano do Batalhão de Saúde organizado na cidade de Valença, no Rio de Janeiro, mostrando mais uma vez, a união dos Estados Unidos com o Brasil.

Já na décima edição, de 04 de fevereiro de 1945, temos a foto de um soldado brasileiro ensinando o caminho para um soldado americano recém-chegado. Essa imagem mais uma vez passava a ideia da união entre o Brasil e os Estados Unidos. Como informava a legenda, eles estavam unidos em uma estrada comum, estabelecendo novas camaradagens e novos amigos que levariam ao caminho da vitória.

Na edição de 05 de abril de 1945, temos a foto do Comandante do V Exército dos Estados Unidos saudando, através do Jornal, os soldados da FEB. Com essa imagem o periódico, mais uma vez, destacava a boa relação de amizade com o exército norte-americano. Novo exemplo aparecia na edição de 08 de abril de 1945, que trazia na primeira página a foto dos Generais Mark Clark e Mascarenhas no Q.G. da 1ª D.I.E uniformizados, na qual o primeiro falava que confia na FEB até a vitória final.

Na edição de 15 de abril de 1945, o jornal comentava um comunicado da Casa Branca emitido em 12 de abril com a morte de Franklin Delano Roosevelt, decorrente de uma hemorragia cerebral em Warm Springs, na Geórgia. Para o jornal, os Estados Unidos perderam um de seus maiores filhos e o Brasil um grande e sincero amigo.

3.5. SOLDADOS, PRACINHAS

Nas páginas do CS, também encontramos imagens valorizando os esforços de nossos pracinhas, e em algumas imagens eles estavam sorrindo. Temos como exemplo: na edição de 24 de janeiro de 1945, a primeira página trazia a foto de um soldado sorrindo colocando o projétil em um canhão no qual se via escrito a frase: “*a cobra está fumando*” em “*a nossa resposta*” aos folhetos dos alemães que informavam que o Brasil estava lutando do lado errado, que tudo era obra dos Estados Unidos. Aquela bala representa a resposta brasileira. Ela mostrava que a FEB não estava ali a passeio. Na legenda da foto não temos o nome do soldado, mas encontramos o nome do pracinha na introdução ao volume da Bibliex que serviu de base à pesquisa: era o Cabo Adão Rosa da Rocha, que viveu até os 87 anos.

Com relação aos esforços dos combatentes temos, a edição de 28 de janeiro de 1945, na primeira página, que apresentava a foto dos infantes de Sampaio carregando suas mochilas indo de Gericinó aos Apeninos. Na legenda era retratada toda a dificuldade de seu caminho, que no final seriam recompensados com a captura dos tedescos.

Em outra edição 08 de fevereiro de 1945, havia fotos com a imagem de soldados brasileiros e a seguinte legenda: “*paisanos fardados, não! Valentes soldados temidos pelo inimigo*”. Nessa imagem de vários soldados na neve, informava a legenda que eles eram temidos pelo inimigo. O texto passava a ideia que os nossos soldados causavam medo ao oponente, com isso, eles iriam para o campo de batalha mais confiantes e determinados para derrotar o inimigo. Na segunda página dessa mesma edição, havia a foto de dois aviadores brasileiros estudando um mapa para traçar um novo ataque às posições alemãs. A matéria assinada por Francis Hallawell (BBC), tinha o título: “*Como aprendem os nossos soldados*”. O nome dos dois não aparecia na legenda e sim no final da reportagem. Eram os aspirantes da FAB: Raymundo da Costa Canario e Frederico Gustavo dos Santos. A reportagem mostrava a importância da Força Aérea Tática Aliada na zona do Mediterrâneo, onde nossos pilotos aprenderam a voar. Voltava a sugerir a mensagem que a FEB tinha uma participação importante no teatro de guerra.

Participação esta que passava por muita organização, como sugeria a edição de 22 de fevereiro de 1945, na qual estava a foto de soldados em marcha, em outra foto de soldados em operação na neve. Mostrando toda a organização e preparação da FEB para o combate. Encontramos a foto do Tenente Aviador Roberto Paulo Paranhos Taborda e seu avião da FAB utilizado para a linha de frente alemã.

Temos alguns exemplos de que a FEB usualmente exibia os seus equipamentos como nas seguintes edições: 22 de abril de 1945, na qual havia destaque para a foto de um jipe indo para o combate com sua metralhadora e também um taque alemão destruído. Já na edição de 26 de abril de 1945, na primeira página a foto estampava soldados brasileiros com os seus tanques.

Em 02 de maio de 1945 com o rendimento incondicional em toda a Itália das tropas alemãs, chegava ao fim a guerra para o Brasil. Contabilizando a morte de 443 combatentes e 08 oficiais do grupo de caça da FAB:

Infelizmente as pesquisas sobre a FEB são tão ínfimas que nem é possível precisar o número exato de brasileiros mortos em combate. O número de 465 mortos e desaparecidos em campanha, divulgado ao término das hostilidades, é conhecido, mas não inclui aqueles que morreram ainda durante a guerra, entre os 600 feridos recambiados para tratamento em hospitais militares no Brasil. A esses mortos se deveria fazer justiça, com sua inclusão no rol de caídos no conflito (MAXIMIANO, 2004, P.361).

3.6. SOLDADOS, REPRESENTAÇÕES

Neste capítulo procuramos ressaltar que, apesar de suas matérias enaltecerem a bravura, as dificuldades com o solo e o clima italiano e, principalmente o heroísmo de seus soldados. As imagens contidas nas primeiras páginas do periódico dão destaque para as figuras de comandavam a FEB e também do comando do exército norte-americano enfatizado como amigo do comando brasileiro. Os soldados apareceram no periódico, mas os seus nomes não apareciam, os seus nomes eram escritos quando seus atos permitiam demonstrar todo o seu amor pela pátria, muitas ocasionando sua morte. As imagens com nomes eram quase exclusivas de seus comandantes e de figuras importantes e representantes dos Aliados.

As imagens mais frequentes eram dos comandantes da FEB e da sua infraestrutura como: a engenharia, artilharia, serviço médico, correios etc. Imagens também dos comandantes do exército norte-americano enfatizados que além de aliados, existia uma admiração mútua entre as duas corporações. Os pracinhas pouco apareceram sozinhos ou em imagens de primeira página. Eles apareceram em grupo, enfatizando a união e companheirismo da FEB, quando apareceram sozinhos, sempre estavam com a neve, os equipamentos utilizados no *front*. Também ocorreram imagens em que não se dava o nome do soldado. O periódico falava para os soldados, mas suas representações nas imagens analisadas mostraram mais que a participação brasileira no conflito estava, primeiramente nas

mãos de seus comandantes, na união com o exército norte-americano, e na união dos pracinhas.

No entanto, o que estas imagens nos dizem sobre a ideia de ensinar sobre a Guerra? A Guerra era ensinada através dos exemplos que a FEB se esforçava para mostrar, tais como: os atos de heroísmo, as dificuldades enfrentadas e o soldado sempre com a arma da mão para enfrentar o inimigo, mesmo se isso lhe custasse a vida. Outro exemplo era que os seus comandantes do primeiro escalão estavam se não presentes fisicamente, ao menos em seus boletins faziam questão de demonstrar que os comandados eram valorosos e eficazes e que os seus atos apareceriam nas páginas do jornal. A guerra também era ensinada nas matérias que mostravam que havia mais peças no tabuleiro tais como: corpo de saúde, os correios, a polícia militar, a engenharia de guerra, que formavam todo o corpo de integrantes da FEB. Ou seja, todos tinham sua importância e era necessário a união de todos. Isso também demonstrava que os soldados que estavam ativamente participando do conflito, podiam contar que a sua retaguarda estava garantida. O periódico também mostrava o seu arsenal de equipamentos utilizados na guerra, e que principalmente eles eram uteis com a presença de seus homens.

Por fim, por tudo que foi dito e comentado, a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial na nossa historiografia, necessita de maiores estudos. E em muitos casos essa abordagem fica restrita, principalmente nos livros didáticos, atrelada ao conteúdo da Era Vargas. Segundo o historiador Francisco César Alves Ferraz os trabalhos que se dedicam ao tema se concentram mais nas implicações políticas internas e externas que essa participação proporcionou (FERRAZ, 2004). Muito se questiona a Itália como um teatro de operações do conflito como “secundário”, e mais ainda que o Brasil entrou na Guerra com ela praticamente acabada. No entanto, nas representações da guerra presentes nas páginas do CS, a vida na linha de frente em nada divergia para outros *fronts* mais ativos. Afinal de contas, como diz o ditado popular, “guerra é guerra”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Existe alguém que está contando com você
Pra lutar em seu lugar já que nessa guerra
Não é ele quem vai morrer*

*E quando longe de casa
Ferido e com frio
O inimigo você espera
Ele estará com outros velhos
Inventando novos jogos de guerra*

A Canção do Senhor da Guerra. Legião Urbana (1984).

O periódico *O Cruzeiro do Sul* tinha como função apresentar aos pracinhas brasileiros os principais acontecimentos sobre o desenrolar da Segunda Guerra e a participação brasileira no conflito que era representado através de atos de heroísmos, alimentando assim a idéia de que o brasileiro estava lutando na *frente italiana*, enfrentando um clima e um terreno adverso para, principalmente vingar homens, mulheres e crianças mortos nos ataques ao litoral brasileiro em 1942 pelos submarinos alemães. Em suas páginas o CS também retratava os acontecimentos que estavam ocorrendo no Brasil, apresentado como um país em pleno desenvolvimento econômico, social e político. É preciso levar em consideração que os jornais não chegavam facilmente no teatro de Guerra, sendo o CS o único informativo que chegava às mãos dos soldados brasileiros, à exceção do jornalzinho *E a cobra fumou*, que tinha um caráter levado mais para o humor. O CS passava pelo crivo do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado novo, ou seja, passava por duas censuras: primeiramente pelo alto comando da FEB e em segundo pelo o DIP.

Com relação às imagens contidas em suas páginas, o jornal procurou representar a força da FEB, as dificuldades dos soldados com relação ao terreno e ao clima italiano. E principalmente, mostrava o heroísmo e companheirismo dos febianos. Havia, porém, uma contradição: as imagens contidas nas primeiras páginas do periódico eram das figuras que comandavam a FEB, ainda que o periódico fosse produzido para seus soldados. Por que as principais páginas eram dedicadas aos comandantes? Creio que isso ocorreu porque a FEB queria mostrar para os combatentes que eles tinham um comando eficiente. E obviamente que havia um jogo de interesses.

Nessas imagens os pracinhas pouco apareciam sozinhos ou em imagens de primeira página. Quase sempre apareciam em grupo, numa representação da união e companheirismo

desses soldados quando apreciam sozinhos, sempre estavam cercados pela neve e os seus equipamentos utilizados no front. O periódico falava diretamente para soldados, mas suas representações em imagens mostravam o contrário: a participação brasileira no conflito estava primeiramente nas mãos de seus comandantes, em sua união com o exército norte-americano e, por último, nas mãos dos pracinhas.

Essas imagens ensinavam sobre a Guerra? No contexto dos atos de heroísmo, nas dificuldades enfrentadas pelos soldados sempre prontos para enfrentar o inimigo, mesmo que isso lhe custasse a vida. Também através de seus comandantes “os senhores da guerra” que não estavam presentes fisicamente, mas faziam questão de demonstrar que os comandados eram valorosos e eficazes e que os seus atos apareciam nas páginas do CS. A guerra também era ensinada nas matérias que mostravam corpo de saúde, os correios, a polícia militar, a engenharia de guerra, que formava todo o corpo de integrantes da FEB.

A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial na historiografia brasileira tem poucos estudos. Outro ponto importante é o questionamento da Itália como um teatro de operações do conflito considerado “secundário”, e ainda mais que o Brasil entrou na Guerra com ela praticamente acabada. Para os soldados a vida na linha de frente em nada divergia para outros *fronts* mais ativos. O estudo do CS demonstra que o que esses soldados passaram não foram coisas fáceis: frio, medo, saudade do seu lar e morte.

Por fim, ressaltamos que a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial na historiografia brasileira tem poucos estudos. Outro ponto importante é o questionamento da Itália como um teatro de operações do conflito considerado “secundário”, e ainda mais que o Brasil entrou na Guerra com ela praticamente acabada. Para os soldados a vida na linha de frente em nada divergia para outros *fronts* mais ativos. O estudo do CS demonstra que o que esses soldados passaram não foram coisas fáceis: frio, medo, saudade do seu lar e morte.

REFERÊNCIAS

FONTES:

O Cruzeiro do Sul. Org. Roberto Mascarenhas de Moraes. Biblioteca do Exército, 2011. Coleção especial da FEB na Itália. Fac-símile. 34 edições (3 de janeiro-31 de maio de 1945)

Correio da Manhã. Rio de Janeiro: 1945

Correio Paulistano. São Paulo: 1945.

BIBLIOGRAFIA:

ALBINO, Daniel. Cobra Fumando: a Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália (1944-1945). In: SILVA, Francisco Carlos T. da; SCHUSTER, Karl; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Cord.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. (p.321-341).

ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial: considerações históricas e estratégicas. In: SILVA, Francisco Carlos T. da; SCHUSTER, Karl; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Cord.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. (p.295-320)

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: **Repensando o Estado Novo.** Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br>. Acessado em 18-02-2019.

CARVALHO, Luís Paulo Macedo. Consequências e Reflexos da Participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. In: **Revista Militar** N.º 2443/2444 - Agosto/Setembro de 2005, pp 775 - 0. :: Neste pdf - página 5 de 11.

FERRAZ, Francisco César Alves. A desmobilização dos soldados brasileiros e estadunidenses no pós- Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Francisco Carlos T. da; SCHUSTER, Karl; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Cord.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. (p.343-361).

FERRAZ, Francisco César Alves. **A Guerra que não acabou:** a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000). Londrina: Eduel, 2012.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GONÇAVES, Rogério de Amorim; Neto, Amaro Soares de Oliveira. Artilharia Brasileira na Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Francisco Carlos T. da; SCHUSTER, Karl; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Cord.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. (p.269-294)

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa**: delineamentos metodológicos. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Porto Alegre- RS, 2015, p. 1-12.

MAXIMIANO, Cesar Campiani Neve, fogo e montanhas: a experiência brasileira de combate na Itália (1944/5). In: CASTRO, Celso; IZECKSON, Vitor; KRAAY Hendrik (Org.). **Nova História Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados**: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Grua, 2010.

McCANN, Frank D.; FERRAZ, Francisco César Alves. A participação conjunta de brasileiros e norte-americanos na Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Francisco Carlos T.; MUNHOZ, Sidnei J. (Org.). **Relações Brasil-Estados Unidos**: séculos XX e XXI. Maringá: Eduem, 2010.

MUYLAERT, Roberto. **1943 Roosevelt e Vargas em Natal**. São Paulo: Bússola, 2012.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). **Historiæ**, Rio Grande, 2 (3): 125-142, 2011.

PANDOLFI, Dulce. Apresentação. In: **Repensando o Estado Novo**. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. Disponibilizado em: <http://www.cpdoc.fgv.br>. Acessado em 18-02-2019.

PINTO, Fabrício Ramires; OLIVEIRA, Amaro Soares de. Os generais Dutra e Góes Monteiro: a redemocratização política do pós-guerra. In: SILVA, Francisco Carlos T. da; SCHUSTER, Karl; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Cord.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**. Ano 3, número 6, dez/2011. Universidade Federal de Goiás.

SILVA, Márcio Aparecido Pinheiro da. **Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – Seção Regional de Mato Grosso do Sul – ANVFEB-MS: identidades, memórias e patrimônio cultural (1980-1990)**. Dourados, MS: UFGD, 2014.

ZAIÁRA, Carla Alves Gondim. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: a atuação da FEB**. Rio Grande do Norte, 2004. Monografia.